



Centro de Estudos de
Economia Aplicada do Atlântico

WORKING PAPER SERIES

CEEApIA WP No. 03/2018

Contas Satélite do Turismo em Portugal: Análise de Evolução da Estrutura

**Mário Fortuna
Raquel Maciel**

March 2018

Contas Satélite do Turismo em Portugal: Análise de Evolução da Estrutura

Mário Fortuna

Universidade dos Açores (FEG e CEEAplA)

Raquel Maciel

Universidade dos Açores (FEG)

Working Paper n.º 03/2018
março de 2018

RESUMO/ABSTRACT

Contas Satélite do Turismo em Portugal: Análise de Evolução da Estrutura

Este trabalho tem como objetivo analisar os resultados apresentados no relatório da Conta Satélite do Turismo (CST) portuguesa mais recente e estudar, com maior detalhe, alguns dos dados disponibilizados pelos organismos de estatísticas oficiais, examinando a evolução dos indicadores turísticos e tentando chegar a previsões acerca do Valor Acrescentado Bruto gerado pelo turismo (VABGT).

Conclui-se que a procura turística tem aumentado em Portugal, que o contributo do VABGT para o total do Valor Acrescentado Bruto (VAB) nacional tem crescido consecutivamente e que as atividades diretamente relacionadas com o turismo empregam cada vez mais trabalhadores, sendo o Alojamento e a Restauração as mais relevantes. Por outro lado, o setor dos Transportes tem perdido importância relativa. As estimativas do VABGT, embora tenham sido obtidas através de uma regressão linear simples, revelaram-se coerentes com os valores reais divulgados nas CST, seguindo a mesma tendência. Por fim, aponta-se a importância de Portugal continuar a apostar na construção de CST, cuja informação poderá ser bastante útil para o planeamento de políticas e estratégias que melhorem o posicionamento do país nos mercados internacionais.

Mário Fortuna
Universidade dos Açores
Faculdade de Economia e Gestão
Rua da Mãe de Deus, 58
9501-801 Ponta Delgada

Raquel Maciel
Universidade dos Açores
Faculdade de Economia e Gestão
Rua da Mãe de Deus, 58
9501-801 Ponta Delgada

Contas Satélite do Turismo em Portugal: Análise de Evolução da Estrutura

Mário Fortuna

Universidade dos Açores (FEG e CEEApIA)

Raquel Maciel

Universidade dos Açores (FEG e CEEApIA)

Acknowledges: We gratefully acknowledge the financial support to the project Acores-01-0145-FEDER-00006 from AÇORES 2020, through FEDER – European Union.



GOVERNO
DOS AÇORES



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu de
Desenvolvimento Regional

Contas Satélite do Turismo em Portugal: Análise de Evolução da Estrutura

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar os resultados apresentados no relatório da Conta Satélite do Turismo (CST) portuguesa mais recente e estudar, com maior detalhe,

alguns dos dados disponibilizados pelos organismos de estatísticas oficiais, examinando a evolução dos indicadores turísticos e tentando chegar a previsões acerca do Valor Acrescentado Bruto gerado pelo turismo (VABGT).

Conclui-se que a procura turística tem aumentado em Portugal, que o contributo do VABGT para o total do Valor Acrescentado Bruto (VAB) nacional tem crescido consecutivamente e que as atividades diretamente relacionadas com o turismo empregam cada vez mais trabalhadores, sendo o Alojamento e a Restauração as mais relevantes. Por outro lado, o setor dos Transportes tem perdido importância relativa. As estimativas do VABGT, embora tenham sido obtidas através de uma regressão linear simples, revelaram-se coerentes com os valores reais divulgados nas CST, seguindo a mesma tendência. Por fim, aponta-se a importância de Portugal continuar a apostar na construção de CST, cuja informação poderá ser bastante útil para o planeamento de políticas e estratégias que melhorem o posicionamento do país nos mercados internacionais.

1. Introdução

Em Portugal, a responsabilidade da implementação das Contas Satélite do Turismo (CST) é do Instituto Nacional de Estatística (INE), autor do "Estudo de Implementação da Conta Satélite do Turismo em Portugal", publicado em 2003. Neste trabalho, consta a descrição de todos os procedimentos e linhas orientadoras para a construção desta ferramenta. Cada país é livre de adaptar a metodologia das CST, implementada a nível mundial, à sua própria realidade, embora tenham que ter em consideração, obrigatoriamente, os sistemas de contabilização das contas nacionais definidos para os países-membros das Nações Unidas e da União Europeia (INE, 2003; Fortuna e Maciel, 2017).

A primeira CST portuguesa foi publicada em 2005 e até 2010 o INE, regularmente, continuou a divulgar relatórios e dados estatísticos referentes ao turismo em Portugal. Interrompidas em 2011, a construção deste instrumento foi retomada em 2015. A 7 de dezembro de 2017 foram publicadas as novas CST, com informação relativa aos anos de 2014 a 2016. O quadro abaixo contém a lista de todas as contas já publicadas a nível nacional, constando também o período a que se referem e os anos base utilizados.

Tabela 1 - Contas Satélite do Turismo publicadas em Portugal.

Data de publicação	Período em análise	Ano base
---------------------------	---------------------------	-----------------

17 de março de 2005	2000 (dados provisórios)	2000
21 de setembro de 2006	2000 - 2002	2000
10 de setembro de 2007	2003 - 2004	2000
21 de dezembro de 2007	2005 - 2007	2000
19 de maio de 2008	2005 - 2007	2000
19 de dezembro de 2008	2006 - 2008	2000
16 de dezembro de 2009	2007 - 2009	2000
17 de dezembro de 2010	2000 - 2010	2006
7 de dezembro de 2017	2014 - 2016	2011

Fonte: Adaptado de INE.

Inicialmente, o INE proponha que deveriam ser compilados, aquando da elaboração de CST, seis quadros de resultados, que relacionam informação acerca da procura e oferta turística em Portugal (INE, 2003; Cañada, 2013). Todavia, ao longo dos anos, a compilação dos dados tornou-se cada vez mais rigorosa e passaram a ser produzidas novas tabelas, com informação referente ao emprego, Valor Acrescentado Bruto gerado pelo turismo (VABGT), Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) e consumo coletivo do turismo, ou seja, praticamente todas as que são propostas pela Organização Mundial do Turismo (OMT) (ver Anexo 1). Os próprios conceitos e metodologia utilizados foram sempre alvo de algumas transformações e atualizações (Turismo de Portugal, 2008), de modo a garantir que os resultados obtidos eram os mais confiáveis possível e suscetíveis de serem comparados com outros países (INE, 2003).

A nível regional, somente foram realizadas, em Portugal, duas CSTR, uma para a Madeira e outra para os Açores, divulgadas em 2008 e com dados referentes ao ano 2001. As contas foram publicadas num documento elaborado pelo Serviço Regional de Estatística dos Açores (SREA), pela Direção Regional de Estatística da Madeira (DREM) e pelo *Instituto Canario de Estadística* (ISTAC), incluindo a conta satélite das Ilhas Canárias (SREA, 2007; SREA, DREM e ISTAC, 2008). Para uma análise mais pormenorizada acerca das CST nacionais e regionais em Portugal, bem como dos quadros metodológico e conceptual deste instrumento estatístico, recomenda-se a leitura de Fortuna e Maciel (2017).

O propósito do presente trabalho é fazer uma análise descritiva do relatório da CST mais recente realizada em Portugal, publicada em 2017. No que se segue, na secção 2,

são revistos os resultados anunciados; na secção 3 examina-se, mais de perto, os dados divulgados, de modo a fazer uma leitura acerca da evolução do turismo em Portugal, destacando as principais alterações verificadas ao longo do tempo e as possíveis explicações; na secção 4 formula-se um total de cinco modelos de regressão linear simples, que têm como variável dependente o VABGT, com o objetivo de analisar as relações existentes entre este agregado e outros indicadores turísticos e de se chegar a estimativas do seu valor para os anos em que há falta de informação. Por fim, na secção 5, apresentam-se algumas considerações finais.

2. Conta Satélite do Turismo (2014 - 2016)

2.1 Metodologia

Como já referido, a mais recente CST portuguesa reporta-se ao período de 2014 a 2016, apesar dos resultados deste último ano corresponderem ainda a uma estimativa. Utiliza 2011 como ano base, sendo compatível com o Sistema Europeu de Contas 2010 (SEC 2010) (INE, 2017).

Como era de esperar, esta CST foi realizada tendo em consideração os documentos metodológicos de referência mais atualizados. Baseia-se, portanto, no "European Implementation Manual on Tourism Satellite Accounts" (Franz, Laimer e Manente, 2014), do Eurostat, no relatório "Tourism Satellite Account: Recommended Methodological Framework 2008" (OMT, ONU, Eurostat e OCDE, 2010) e no Sistema de Contas Nacionais das Nações Unidas 2008 (ONU, CE, FMI, OCDE e Banco Mundial, 2009). Os documentos "Measuring the role of tourism in OECD economies. The OECD manual on tourism satellite accounts and employment" (OCDE, 2000) e "Designing the Tourism Satellite Account (TSA). Methodological Framework" (OMT, 2002) são também usados como referências. Por fim, a estrutura conceptual utilizada seguiu as Recomendações das Estatísticas do Turismo da ONU (INE, 2017).

Foram incluídas novas informações para que se obtivessem resultados mais atuais e fidedignos. Foram incluídos dados:

- do Inquérito aos Gastos Turísticos Internacionais de 2013;
- do Inquérito ao Turismo Internacional de 2015/2016;
- do Inquérito à Deslocação dos Residentes (IDR) de 2014/2015;
- das transações monetárias efetuadas com cartões de débito e de crédito;
- dos valores de arrendamento, atualizados, das residências secundárias, provenientes dos Censos da População e da Habitação 2011 (INE, 2017).

2.2 Análise de Resultados

Segundo os resultados, estima-se que, em 2016, o VABGT correspondeu a 7,1% do Valor Acrescentado Bruto (VAB) total da economia portuguesa, enquanto nos dois anos anteriores este indicador demonstrou menores importâncias, nomeadamente de 6,5%, em 2014, e de 6,7%, em 2015 (INE, 2017).

Tabela 2 - Principais resultados da Conta Satélite do Turismo.

	2014	2015	Média 2014/2015	2016*
Consumo do Turismo no Território Económico (CTTE)				
Valor (Milhões de Euros)	20 675,0	21 902,0	21 288,0	23 180,0
Taxa de variação nominal (%)	//	5,9	//	5,8
Peso do CTTE no PIB (%)	11,9	12,2	12,1	12,5
Despesa do Turismo Recetor				
Valor (Milhões de Euros)	12 653,0	13 543,0	13 098,0	X
Taxa de variação nominal (%)	//	7,0	//	//
Despesa do Turismo Interno + Outras Componentes				
Valor (Milhões de Euros)	8 021,0	8 359,0	8 190,0	X
Taxa de variação nominal (%)	//	4,2	//	//
VAB Gerado pelo Turismo (VABGT)				
Valor (Milhões de Euros)	9 768,0	10 458,0	10 113,0	11 489,0
Taxa de variação nominal (%)	//	7,1	//	9,9
Contribuição do VABGT para o VAB da Economia Nacional(%)	6,5	6,7	6,6	7,1
Emprego nas Atividades Características do Turismo				
Valor (ETC)	381 422,0	397 619,0	389 521,0	X
Taxa de variação nominal (%)	//	4,2	//	//
Peso do Emprego nas Atividades Características do Turismo no Total do Emprego Nacional (%)	9,0	9,2	9,1	//

* - Primeira estimativa; // - Valor não aplicável; X - Valor não disponível.

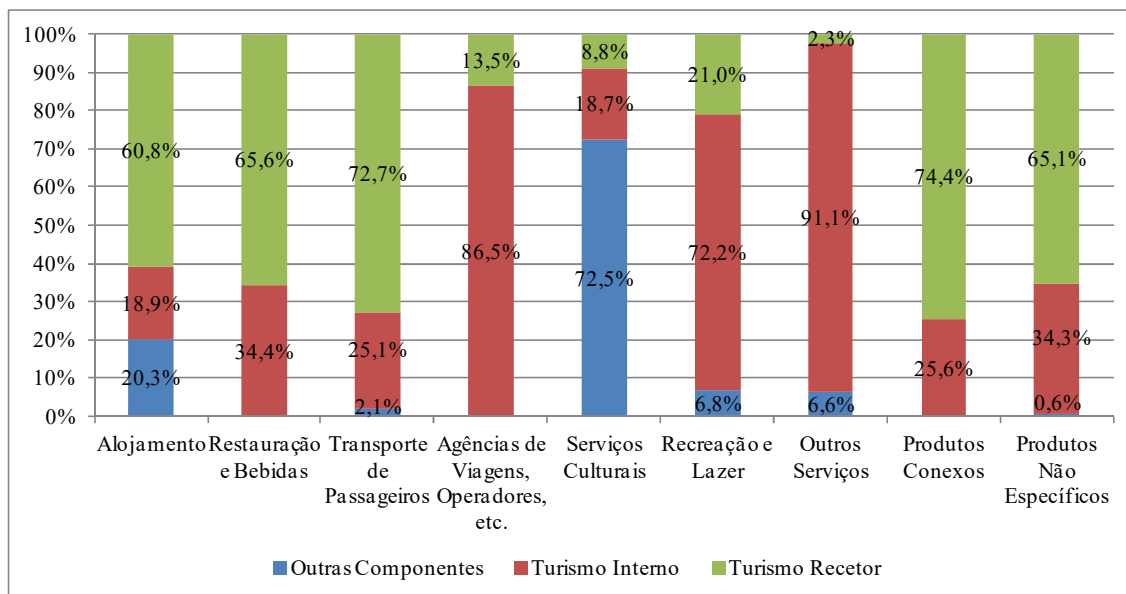
Fonte: Adaptado de INE (2017).

O peso do Consumo do Turismo no Território Económico (CTTE), no mesmo ano, deverá equivaler a 12,5% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional, tendo sido precedido por valores de 11,9% e de 12,2% em 2014 e 2015, respetivamente (INE, 2017).

Entre 2014 e 2015, em média, 9,1% do emprego do país dizia respeito a atividades características do turismo. No ano 2015, a taxa de crescimento do emprego nessas atividades foi inclusive superior à taxa de variação do emprego no total da estrutura económica nacional (4,2% VS 1,9%). Verifica-se, assim, que as atividades turísticas têm ganho importância na economia portuguesa (INE, 2017).

Analisando de que forma o CTTE se encontra distribuído por componente e por tipo de produto, percebe-se que as despesas efetuadas por visitantes residentes no estrangeiro foram superiores nos produtos conexos ao turismo, representando 74,4% do total do consumo destes. Outros setores onde o Consumo do Turismo Recetor foi superior correspondem ao dos Transportes de Passageiros (72,7%), seguindo-se o da Restauração e Bebidas (65,6%) e o do Alojamento (60,8%). O peso dos Produtos Não Específicos do Turismo equivale a 65,1% (INE, 2017).

Gráfico 1 - Distribuição (%) do Consumo do Turismo no Território Económico por componente e produto (período 2014/2015).



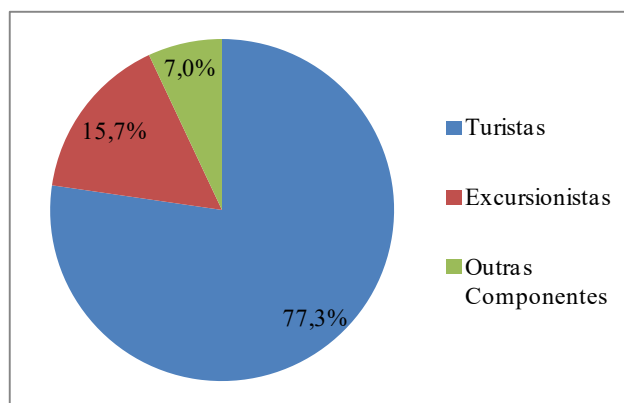
Fonte: Adaptado de INE (2017).

Relativamente ao Consumo do Turismo Interno, este apresenta uma maior importância nos produtos categorizados nos Outros Serviços, nas Agências de Viagens e Operadores Turísticos e no ramo da Recreação e Lazer, apresentando pesos de 91,1%, 86,5% e 72,2%, respetivamente (INE, 2017).

Por último, as despesas realizadas no âmbito das Outras Componentes foram superiores apenas nos Serviços Culturais, com um peso de 72,5% do total. Contudo, o INE chama a atenção para a importância apresentada por esta componente no setor do Alojamento (20,3%), que é maior do que a correspondente ao Turismo Interno (18,9%). Isso acontece pelo facto das residências secundárias por conta própria ou gratuitas serem incluídas nas Outras Componentes (INE, 2017).

Cerca de 77% dos visitantes de Portugal no período 2014/2015 eram turistas, enquanto 15,7% eram excursionistas, como se pode ver no Gráfico 2 (INE, 2017).

Gráfico 2 - Consumo do Turismo no Território Económico por tipo de visitante (período 2014/2015).

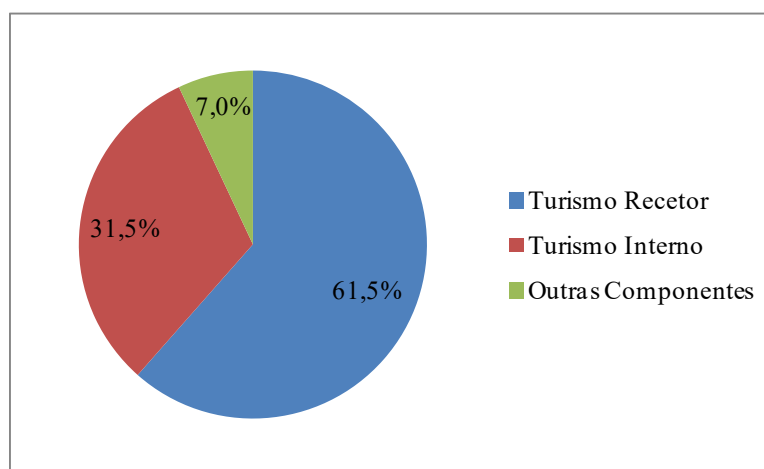


Fonte: Adaptado de INE (2017).

Dentro do primeiro grupo de viajantes, destacam-se as despesas efetuadas em Alojamento, Restauração e Bebidas e em Transporte de Passageiros, que representam, respetivamente, 25,9%, 24,2% e 21,8%. Quanto ao segundo grupo, predomina o consumo em Produtos Não Específicos, cujo peso equivale a quase um terço do total (31,7%), seguindo-se as despesas na Restauração (31,3%) e no Transporte (13,2%). Como era de esperar, uma vez que os excursionistas não pernoitam no local visitado, não realizam qualquer despesa relacionada com Alojamento (INE, 2017). Pelo contrário, nas Outras Componentes salienta-se o consumo em Alojamento (equivalente a 73,4%), com os Serviços Culturais a se encontrarem em segundo lugar de importância (14,3%) e o Transporte de Passageiros em terceiro (5,9%) (INE, 2017).

O Turismo Recetor, no período 2014/2015, foi a componente que mais contribuiu para o CTTE, com as suas despesas a representarem mais de metade do total da procura turística, mais precisamente 61,5%. Por sua vez, o Turismo Interno representava 31,5% e as Outras Componentes o remanescente (INE, 2017).

Gráfico 3 - Peso (%) das componentes do Consumo do Turismo no Território Económico (período 2014/2015).



Fonte: Adaptado de INE (2017).

Nota-se que 97% das despesas do Turismo Recetor foram realizadas por turistas, ao passo que os restantes 3% foram da responsabilidade de excursionistas (INE, 2017).

A estrutura do consumo destes dois tipos de agentes turísticos varia significativamente: enquanto os turistas consumiram mais em Alojamento (25,7%), Restauração (25,1%) e Transportes (23,4%), os excursionistas despenderam maiores quantias em Produtos Não Específicos (48,5%), Restauração (28,2%) e Produtos Conexos (14,1%) (INE, 2017).

As despesas do Turismo Recetor (que podem ser consideradas exportações do turismo) representaram 18,4% das exportações em Portugal no período em análise (INE, 2017).

Utilizando informação do "Sistema Integrado de Matrizes Simétricas *Input-Output* para 2013", publicado em 2017 pelo INE, foi estimado o impacto das despesas do Turismo Recetor na produção nacional (INE, 2017). Analisando somente os três principais produtos consumidos por visitantes não residentes, designadamente Alojamento, Restauração e Transporte Aéreo, chegou-se à seguinte conclusão:

- Em 2015, por cada 100 euros gastos em Turismo Recetor, "foram gerados adicionalmente 23 euros de PIB na restauração e bebidas, 22 euros no alojamento e 4 euros nos transportes aéreos" (INE, 2017, p.5).

Destaca-se, pela negativa, a contribuição do Transporte Aéreo para o PIB, sobretudo devido ao facto da maioria das companhias aéreas que operam em Portugal serem estrangeiras (INE, 2017).

Passando para o estudo do Turismo Interno, 57% das despesas desta componente foram efetuadas por turistas, ao passo que 43% foram realizadas pelos excursionistas (INE, 2017).

Os visitantes portugueses que permaneceram mais de 24 horas noutra região do país (onde não são residentes) consumiram, essencialmente, serviços de Alojamento (26,6% do total do Consumo do Turismo Interno referente aos turistas), de Restauração e Bebidas (21,2%) e de Transporte (16,5%). Aqueles cuja visita foi muito curta efetuaram mais despesas em Restauração (o equivalente a 31,8% do Consumo do Turismo Interno realizado por excursionistas), em Produtos Não Específicos (29,2%) e em Transporte (14,0%) (INE, 2017).

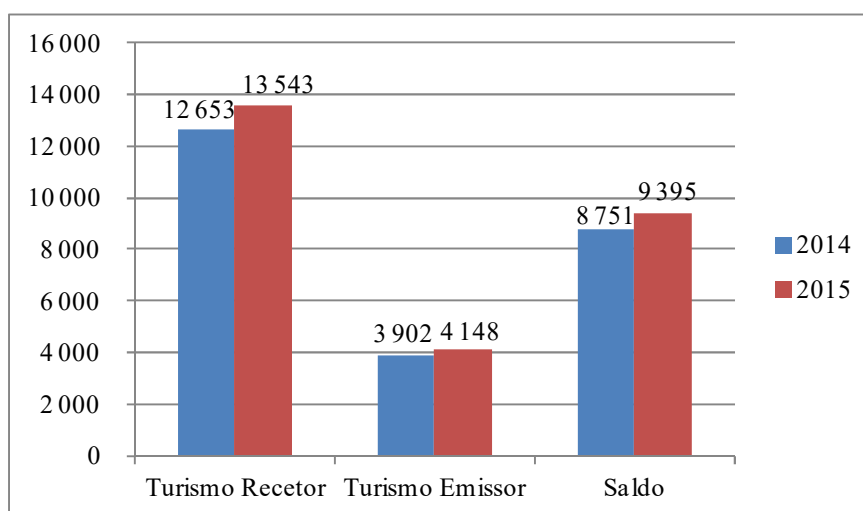
Tal como aconteceu com as outras componentes turísticas, o Consumo do Turismo Emissor foi predominantemente realizado por turistas (92,1%), enquanto o remanescente (7,9%) foi da autoria de excursionistas (INE, 2017).

Os portugueses que se deslocaram ao estrangeiro durante mais do que um dia gastaram mais em Alojamento (25,8%), em Transportes (25,8%) e em Produtos Não Específicos (18,8%). Os portugueses excursionistas noutros países consumiram mais em Produtos Não Específicos (54,2%) e em Produtos Conexos (37,8%) (INE, 2017).

Por fim, as despesas do Turismo Emissor, que podem ser consideradas importações do turismo, representaram 5,7% das importações em Portugal entre os anos 2014 e 2015 (INE, 2017).

Como se constata no Gráfico 4, tanto o Consumo do Turismo Recetor, como o Consumo do Turismo Emissor aumentaram de 2014 para 2015, registando taxas de crescimento de 7% e de 6,3%, respetivamente. Verifica-se ainda que o saldo entre estas duas componentes revelou-se positivo e também ascendente, tendo crescido 7,4% nos anos em estudo (INE, 2017).

Gráfico 4 - Saldo dos fluxos turísticos.

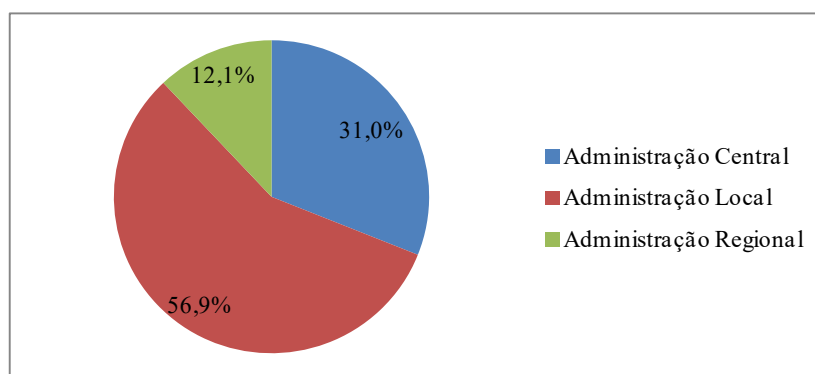


Os dados encontram-se em Milhões de Euros.

Fonte: Adaptado de INE (2017).

Pela primeira vez em Portugal foi incluída na CST a Tabela 9 recomendada pela OMT, que dá informação acerca do consumo efetuado pelas Administrações Públicas no âmbito do setor turístico. O gráfico seguinte apresenta de que forma o Consumo Turístico Coletivo se encontra distribuído, no biénio 2014/2015.

Gráfico 5 - Distribuição (%) do Consumo Coletivo do Turismo por subsector das Administrações Públicas (período 2014/2015).

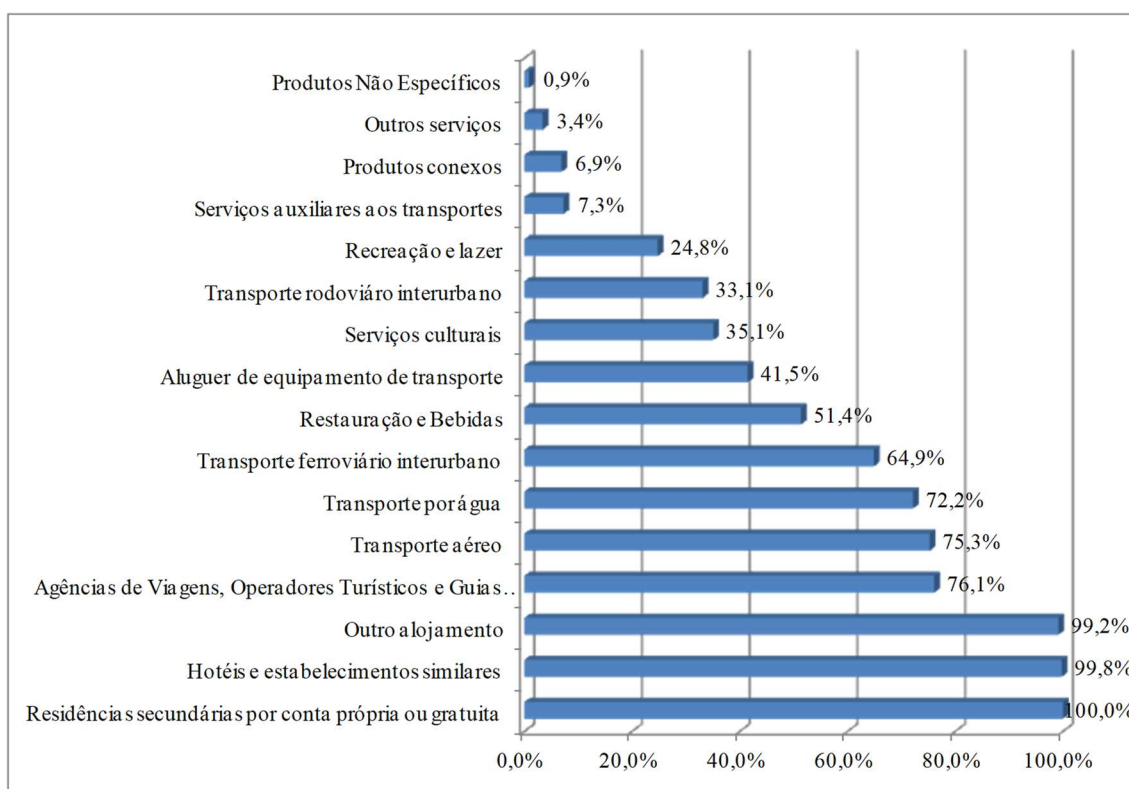


Fonte: Adaptado de INE (2017).

Do total desse consumo, 56,9% foi da autoria da Administração Local, 31% foi realizado pela Administração Central e os 12,1% remanescentes foram da responsabilidade da Administração Regional (INE, 2017).

No período 2014/2015, 6% da produção interna total em Portugal dizia respeito à produção turística. Os produtos que mais dependem do turismo são o Alojamento, as Agências de Viagens, Operadores Turísticos e Guias Turísticos e os Transportes Aéreos, registando coeficientes superiores a 75%. Ainda com uma relação bastante forte com o turismo encontram-se os Transportes por Água e Ferroviário Interurbano e a Restauração e Bebidas, com coeficientes de 72,2%, 64,9% e 51,4%, respetivamente (INE, 2017).

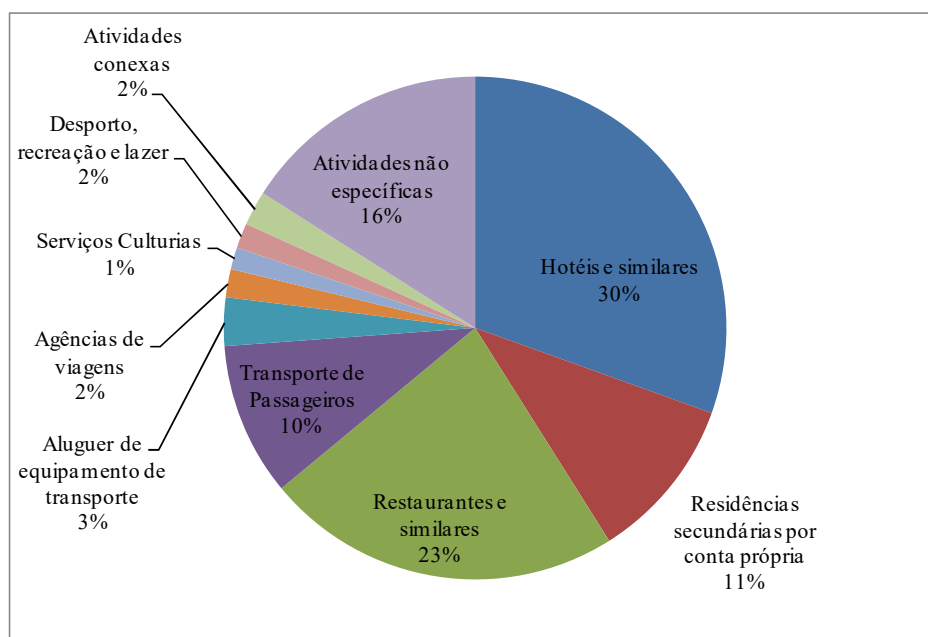
Gráfico 6 - Peso (%) da Produção Interna Turística na Produção Interna total, por produto (período 2014/2015).



Fonte: Adaptado de INE (2017).

Em média, nos anos 2014 e 2015, o VABGT apresentou um peso de 6,6% no VAB da economia portuguesa (INE, 2017). O Gráfico 7 permite analisar quais foram as atividades produtivas que mais contribuíram para este indicador.

Gráfico 7 - Distribuição (%) do VAB gerado pelo turismo, por atividade (período 2014/2015).



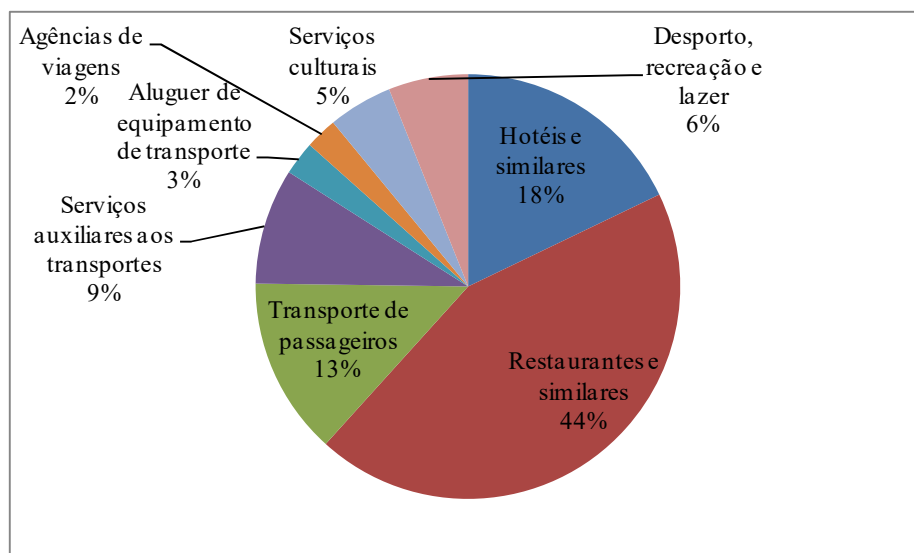
Fonte: Adaptado de INE (2017).

Como se pode verificar, estas correspondem aos Hotéis e similares, aos Restaurantes e similares e às Atividades Não Específicas, que, nos anos analisados, apresentaram importâncias de 30,3%, 22,8% e 15,9% do VABGT, respetivamente (INE, 2017).

Conforme já mencionado, o emprego nas atividades características do Turismo, em média, no período 2014/2015, correspondeu a 9,1% do emprego total do país, medido em ETC (equivalente a tempo completo). Somente a componente turística das atividades características do turismo representou 4,4% desse total (INE, 2017).

Em 2015, registou-se um aumento de 4,8% no número de postos de trabalho relacionados com as atividades turísticas, enquanto a nível nacional a taxa de crescimento da criação de emprego foi de apenas 1,6%. No mesmo ano, as atividades que registaram maiores variações ao nível de crescimento de emprego foram os Hotéis e similares, com uma taxa de 9,4%, e as Agências de Viagens, a registar um aumento de 9,2%. As atividades características do turismo que mais indivíduos empregaram foram a Restauração, o Alojamento e o Transporte de Passageiros (INE, 2017).

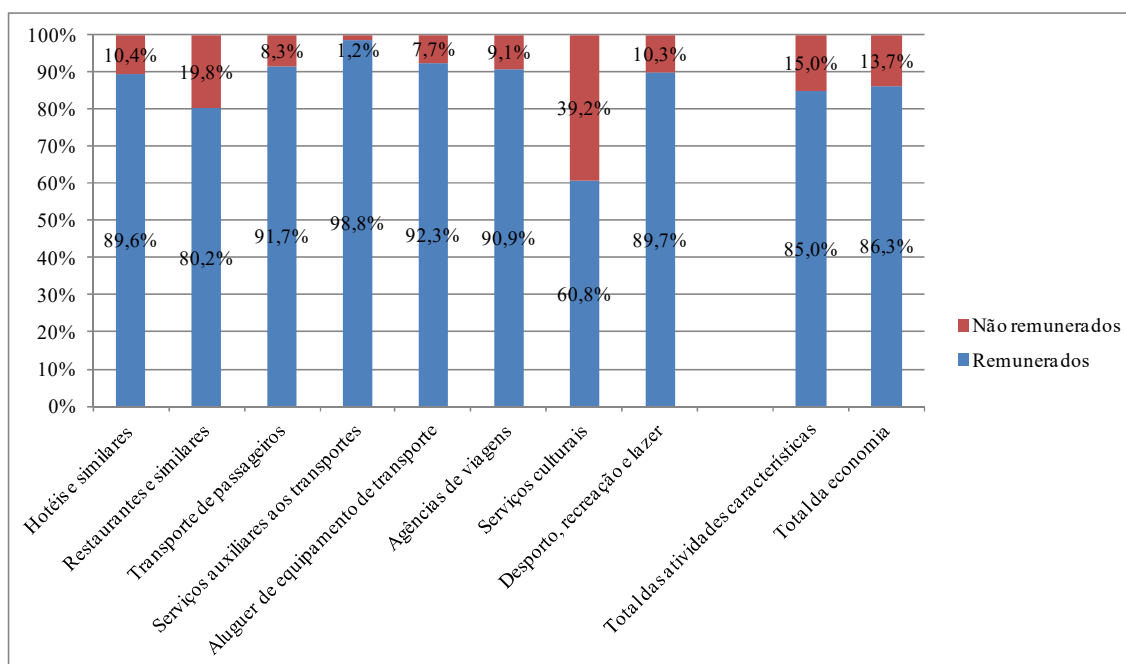
Gráfico 8 - Distribuição (%) do emprego nas atividades características do turismo (período 2014/2015).



Fonte: Adaptado de INE (2017).

O INE destaca a importância do emprego turístico não remunerado, especialmente nos Serviços Culturais (39,2%) e no setor da Restauração (19,8%). Enquanto no total da economia nacional cerca de 13,7% do emprego é não remunerado, nas atividades características do turismo este peso é de 15%. De acordo com o SEC 2010, no qual esta CST se baseia, o emprego não remunerado está relacionado com as situações em que indivíduos a trabalhar por conta própria são proprietários de empresas ou instituições, não estando, portanto, vinculados a um contrato de trabalho e não recebendo uma remuneração regular (INE, 2017).

Gráfico 9 - Relação (%) entre emprego remunerado e não remunerado nas atividades características do turismo e na economia nacional (período 2014/2015).



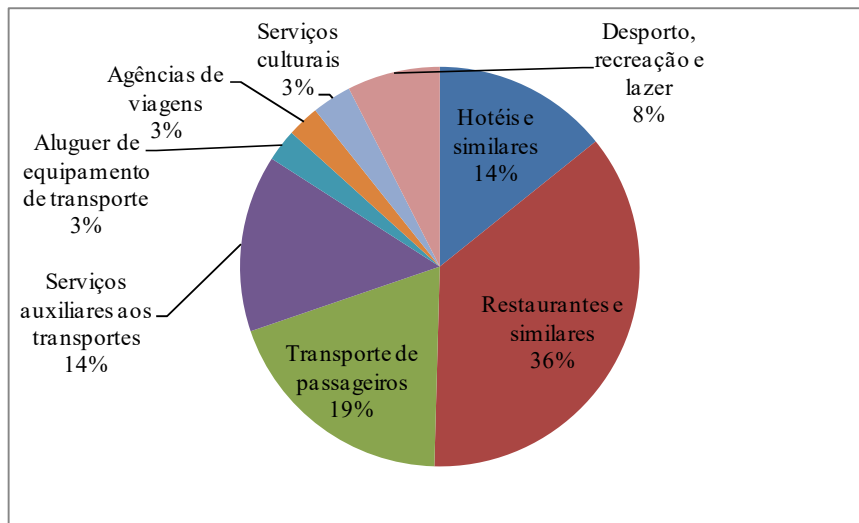
Fonte: Adaptado de INE (2017).

Quanto às remunerações nas atividades características do turismo, em média, nos anos considerados, estas equivaleram a 9,2% das remunerações totais da economia portuguesa. Se apenas a componente turística for considerada, a importância das remunerações representa 4,2%. Como se pode ver, estes valores são muito semelhantes aos observados no emprego (INE, 2017).

Relativamente à evolução das remunerações das atividades características do turismo, em 2015 estas registaram um aumento de 5,7%, valor superior ao verificado no total das remunerações da economia nacional (2,8%) (INE, 2017).

Em 2014 e 2015, cerca de 36% das remunerações das atividades turísticas diziam respeito aos Restaurantes e similares, 19,3% ao Transporte de Passageiros, 14,3% aos Serviços auxiliares de transportes e 14,2% aos Hotéis e similares (INE, 2017).

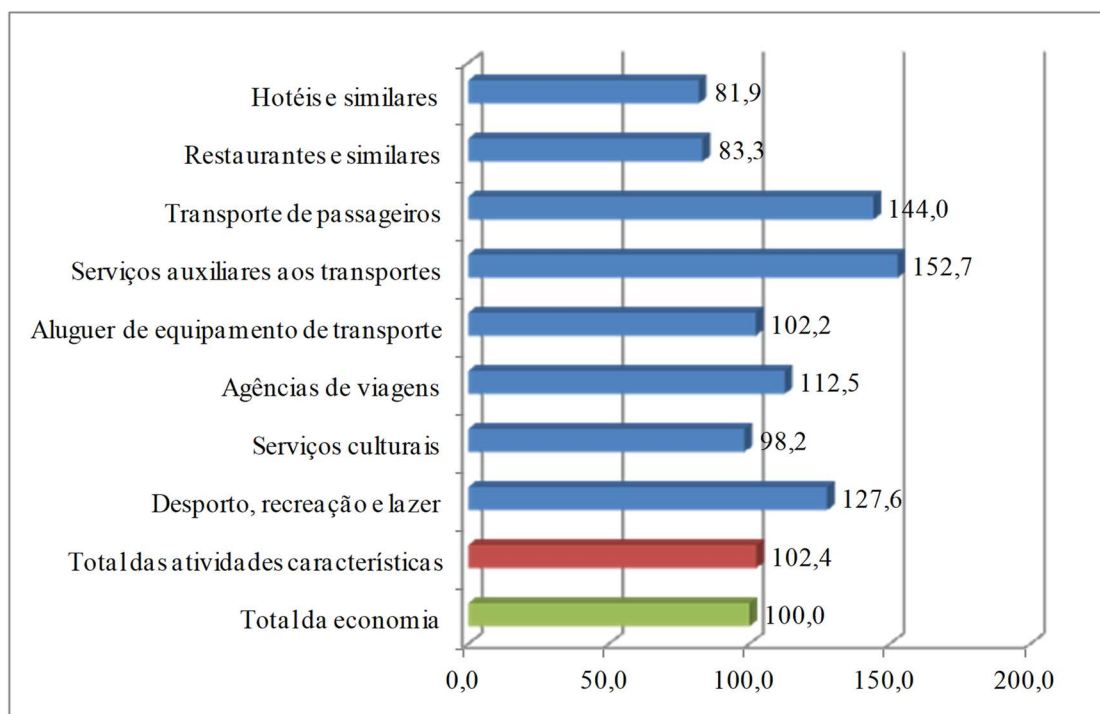
Gráfico 10 - Distribuição (%) das remunerações das atividades características do turismo (período 2014/2015).



Fonte: Adaptado de INE (2017).

Observando agora o Gráfico 11, as atividades turísticas que mais indivíduos empregam, nomeadamente os setores da Restauração e Alojamento, apresentam um índice de remuneração média por trabalhador menor do que o total da economia. Apenas estas duas atividades e os Serviços culturais se encontram nessa situação (INE, 2017).

Gráfico 11 - Índice de remuneração média nas atividades características do turismo (período 2014/2015).

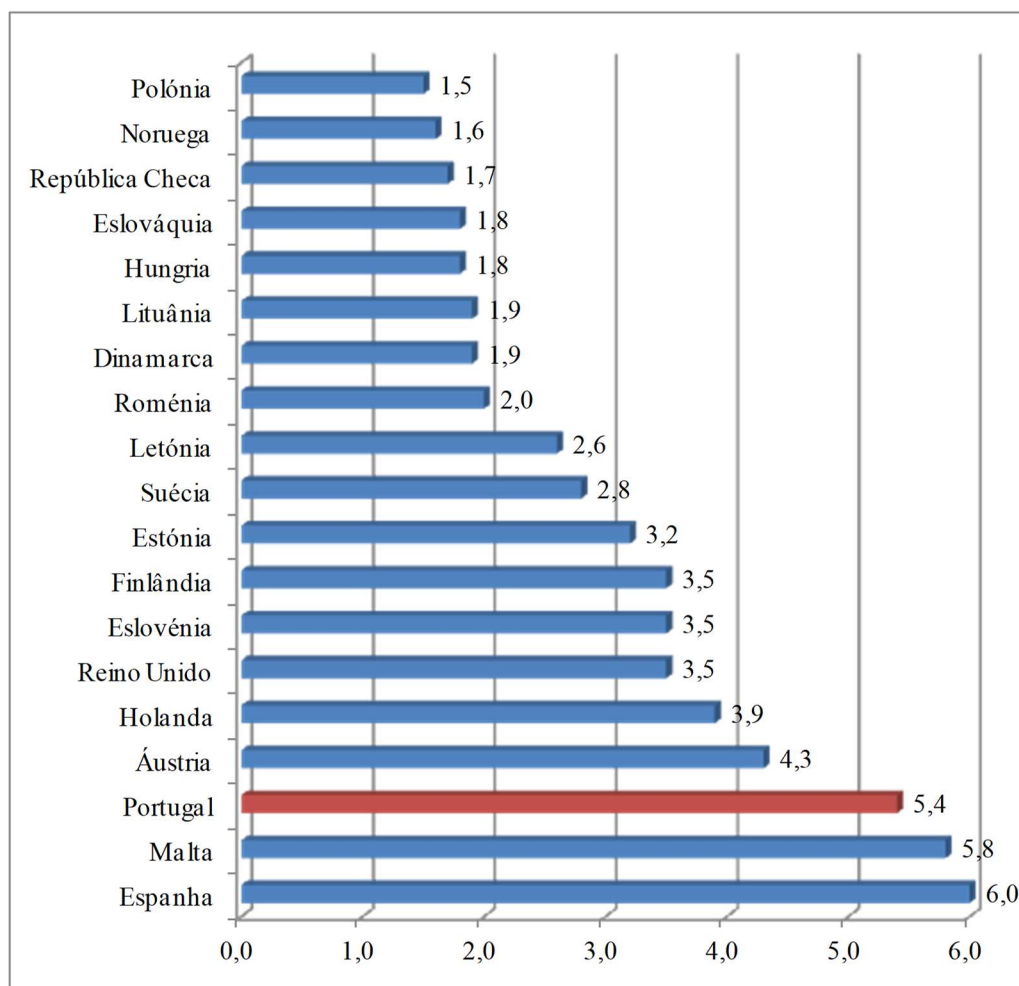


Fonte: Adaptado de INE (2017).

É de salientar os valores apresentados pelos Serviços auxiliares aos transportes e pelo Transporte de passageiros, que correspondem às atividades com uma maior remuneração média (INE, 2017).

Uma novidade desta nova CST é o facto de incluir algumas comparações entre os resultados apresentados por Portugal e por outros países europeus. Para tal, o INE recorreu a várias fontes e, na ausência de dados disponíveis, utilizou anos de referência diferentes (INE, 2017).

Gráfico 12 - Peso (%) do Consumo do Turismo no Território Económico na Oferta Interna em países da Europa.



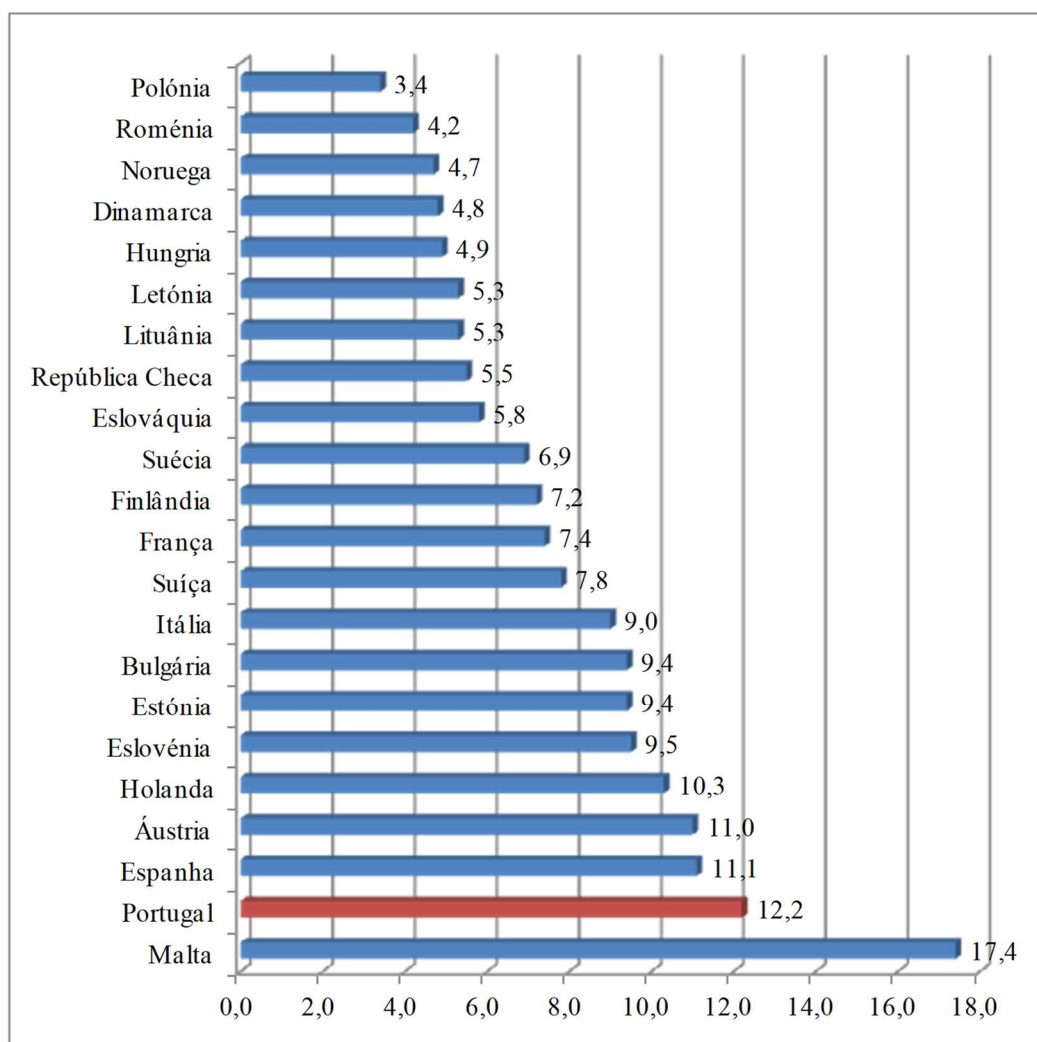
Anos de referência: 2010 (Malta); 2011 (Estónia); 2012 (Hungria, Polónia, Finlândia e Suécia); 2013 (Dinamarca, Espanha, Letónia, Lituânia, Roménia, Eslováquia e Noruega); 2014 (República Checa, Holanda, Áustria, Reino Unido e Eslovénia); 2015 (Portugal).

Fonte: Adaptado de INE (2017).

Em Portugal, verificou-se que 5,4% da Oferta Turística Interna destinou-se ao CTTE, que, tal como já foi referido várias vezes ao longo deste relatório, pode ser também designado de procura turística. Este peso apenas é superior em Espanha (6%) e Malta (5,8%) (INE, 2017).

Quanto ao peso do CTTE no PIB dos países, em Portugal este toma o valor de 12,2%, sendo apenas superado por Malta, que apresenta uma importância de 17,4% (INE, 2017).

Gráfico 13 - Peso (%) do CTTE no PIB em países da Europa.

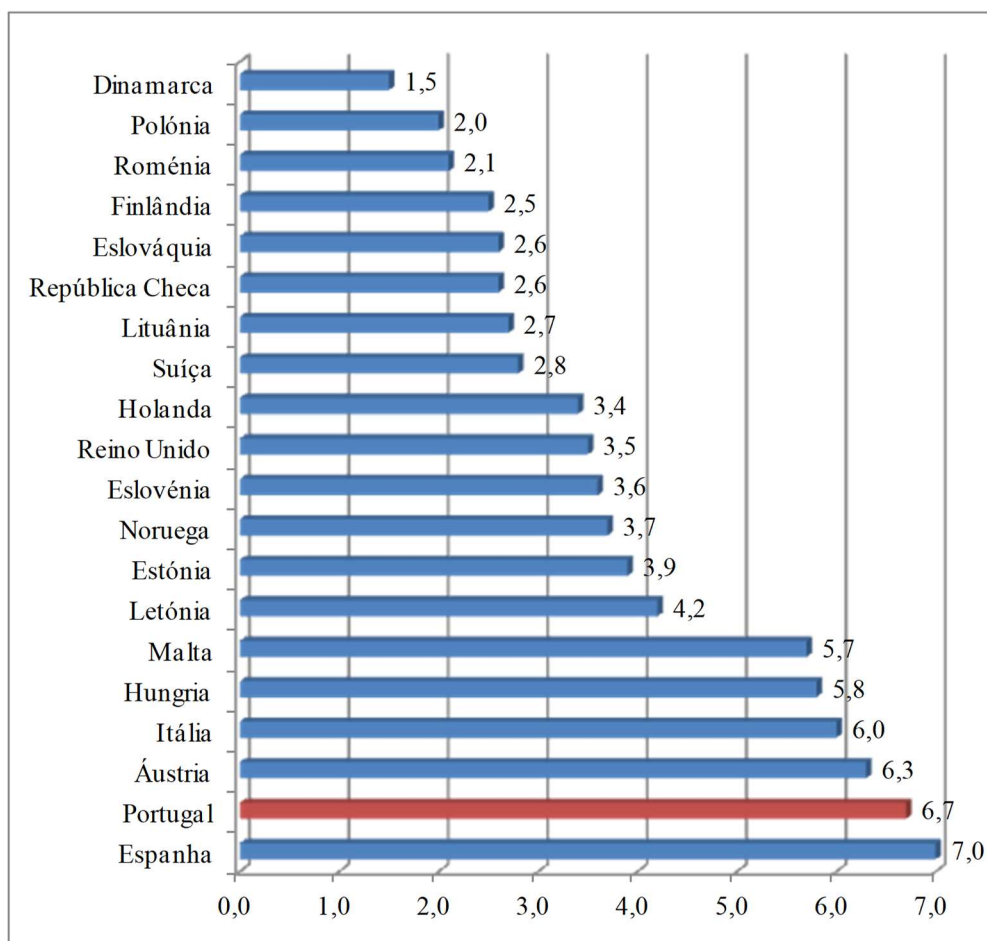


Ano de referência: 2010 (Malta e Itália); 2011 (Estónia e Suíça); 2012 (Hungria, Polónia, Finlândia e Suécia); 2013 (Bulgária, Dinamarca, Letónia, Lituânia, Roménia, Eslováquia e Noruega); 2014 (República Checa, França, Holanda, Áustria e Eslovénia); 2015 (Espanha e Portugal).

Fonte: Adaptado de INE (2017).

O VABGT representa 6,7% do VAB da economia portuguesa, o segundo valor mais elevado de entre os países considerados no Gráfico 14. Apenas Espanha ultrapassa essa importância relativa, tomando o valor de 7% (INE, 2017).

Gráfico 14 - Peso (%) do VAB gerado pelo turismo no VAB da economia nacional em países da Europa.

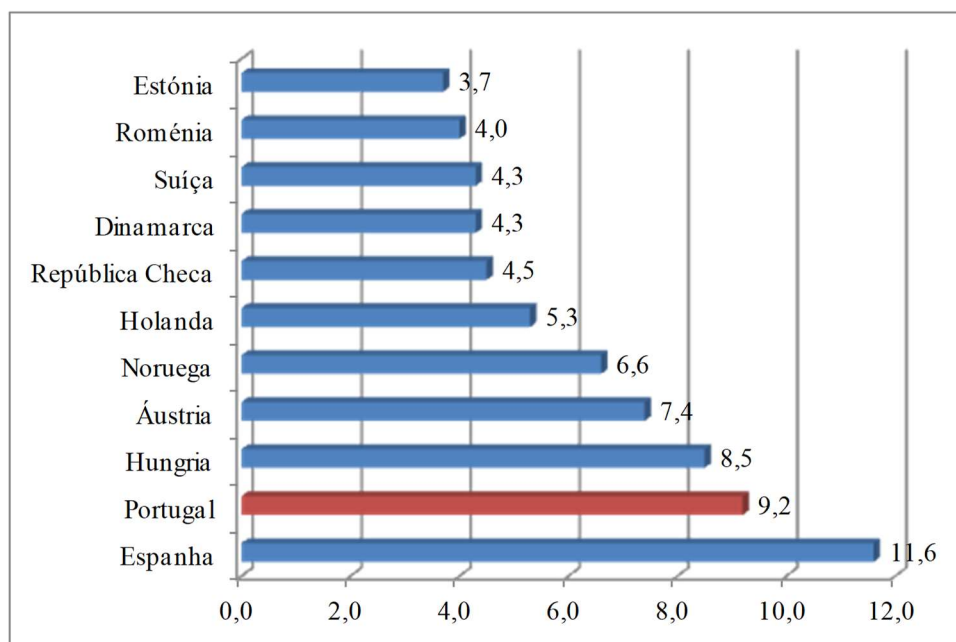


Ano de referência: 2010 (Malta e Itália); 2011 (Estónia e Suíça); 2012 (Hungria, Polónia, Finlândia); 2013 (Dinamarca, Espanha, Letónia, Lituânia, Roménia, Eslováquia e Noruega); 2014 (República Checa, Holanda, Áustria, Reino Unido e Eslovénia); 2015 (Portugal).

Fonte: Adaptado de INE (2017).

Finalmente, analisando o peso do emprego das atividades características do turismo no total do emprego dos países, medidos em ETC, verifica-se uma menor disponibilidade de dados, o que evidencia o facto da maioria dos países, aquando da elaboração de uma CST, considerar apenas informação referente à procura e oferta turística, "ignorando" certos indicadores. Consequentemente, o Gráfico 15 apresenta os resultados de um menor número de países europeus:

Gráfico 15 - Peso (%) do emprego nas atividades características do turismo (ETC) no total do emprego da economia nacional em países da Europa.



Ano de referência: 2011 (Dinamarca, Estónia e Suíça); 2012 (Hungria); 2013 (Espanha, Roménia e Noruega); 2014 (República Checa, Holanda e Áustria); 2015 (Portugal).

Fonte: Adaptado de INE (2017).

Mais uma vez, Portugal corresponde ao país com a segunda maior importância relativa (9,2%), com Espanha a ocupar a primeira posição (11,6%) (INE, 2017).

Pode-se afirmar, com base nesta análise, que o turismo desempenha um papel importante na economia portuguesa, sendo responsável por uma proporção considerável da riqueza e do emprego gerados no país. No entanto, não convém esquecer que os anos de referência utilizados na realização desta comparação internacional não foram os mesmos, o que poderá, de certa forma, não espelhar a verdadeira posição de Portugal na lista considerada.

Finalmente, é feita uma comparação entre os principais agregados obtidos pelas CST de 2010 e de 2017. Uma vez que foram utilizados anos base diferentes - 2006 e 2011, respetivamente -, surgiu a necessidade de se converter os valores mais recentes para o ano base 2006, de modo a que a comparação dos indicadores fosse mais fidedigna. Note-se que se chegaria às mesmas taxas de crescimento caso se optasse por transformar os dados mais antigos para a base 2011.

Para tal, recorreu-se ao serviço de Atualização de Valores com Base no IPC, fornecido pelo INE, que "permite a atualização de um valor entre dois momentos, com

base nas taxas de variação do Índice de Preços no Consumidor" (INE, 2018). Obteve-se um fator de atualização de 1/1,09504 (Ver Anexo 2).

Tabela 3 - Comparação dos grandes agregados da CST nas bases 2006 e 2011 das Contas Nacionais.

Grandes Agregados da CST	2008 (Base 2006)	2015 (Base 2011)	2015 (Base 2006)
Consumo do Turismo no Território Económico (CTTE)			
Valor (Milhões de Euros)	15 776	21 902	20 001
Peso (%) no PIB nacional	9,2	12,2	
VAB Gerado pelo Turismo (VABGT)			
Valor (Milhões de Euros)	6 076	10 458	9 550
Peso (%) no VAB nacional	4,1	6,7	
Emprego nas Atividades Características do Turismo			
Valor (ETC)	416 076	397 619	
Peso (%) no Emprego nacional	8,3	9,2	

Fonte: Adaptado de INE (2017).

A Tabela 3 demonstra que o CTTE tomou o valor de 21.902 milhões de Euros, em 2015 (base 2011), ao passo que em 2008 (base 2006) este agregado alcançou apenas os 15.776 milhões, verificando-se um crescimento de 38,8% (INE, 2017). Contudo, após a conversão dos valores de 2015 para a base 2006, constata-se uma variação mais modesta entre os dois anos, de 26,8%.

O peso do CTTE no PIB português também registou um acréscimo entre os anos considerados, tendo aumentado de 9,2% para 12,2% (INE, 2017). Convém referir que perante proporções relativas não se torna necessário fazer a atualização dos valores, já que estas se referem à mesma grandeza, embora utilizem anos base diferentes.

Quanto ao VABGT, este variou, positivamente, em 57,2%. Enquanto em 2008 o seu valor era de 6.076 milhões de Euros, em 2015 passou para 9.550 milhões (base 2006). A sua importância no VAB nacional também aumentou, de 4,1% para 6,7% (INE, 2017). Estes aumentos são justificados pelo facto das atividades características do turismo terem registado uma maior taxa de crescimento comparativamente à economia nacional no seu todo (INE, 2017).

Relativamente ao emprego nas atividades características do turismo, notou-se que, em termos absolutos, este diminuiu de 416.076 ETC para 397.619 ETC, ou seja, registou uma redução de 4,4%. No entanto, a sua importância no emprego total do país aumentou

de 8,3% para 9,2%. Note-se que, como o emprego não é uma variável monetária, não se procedeu à atualização dos valores deste indicador.

Para esmiuçar melhor os resultados da sua variação, construiu-se a Tabela 4, com base na informação divulgada pelo INE, no relatório da CST de 2017. Verifica-se que as atividades características do turismo não seguiram todas a mesma tendência. As únicas onde se verificou um acréscimo no emprego, entre 2008 e 2015, foram nos Hotéis e similares (com uma taxa de crescimento de 8,6%) e nos Serviços culturais, desporto, recreação e lazer (5,6%).

Tabela 4 - Variação (%) do emprego (ETC) na CST nas bases 2006 e 2011 das Contas Nacionais.

Atividades Características do Turismo	2008 (base 2006)	2015 (base 2011)	Variação (%)
Hotéis e similares	62 973	68 359	8,6%
Restaurantes e similares	204 608	187 008	-8,6%
Transportes de passageiros	89 112	82 293	-7,7%
Aluguer de equipamento de transporte	11 044	9 667	-12,5%
Agências de viagens, operadores turísticos e guias turísticos	9 375	9 158	-2,3%
Serviços culturais, desporto, recreação e lazer	38 965	41 134	5,6%
Total das Atividades Características	416 076	397 619	-4,4%
Total da Economia Nacional	5 010 546	4 327 478	-13,6%

Fonte: Adaptado de INE (2017).

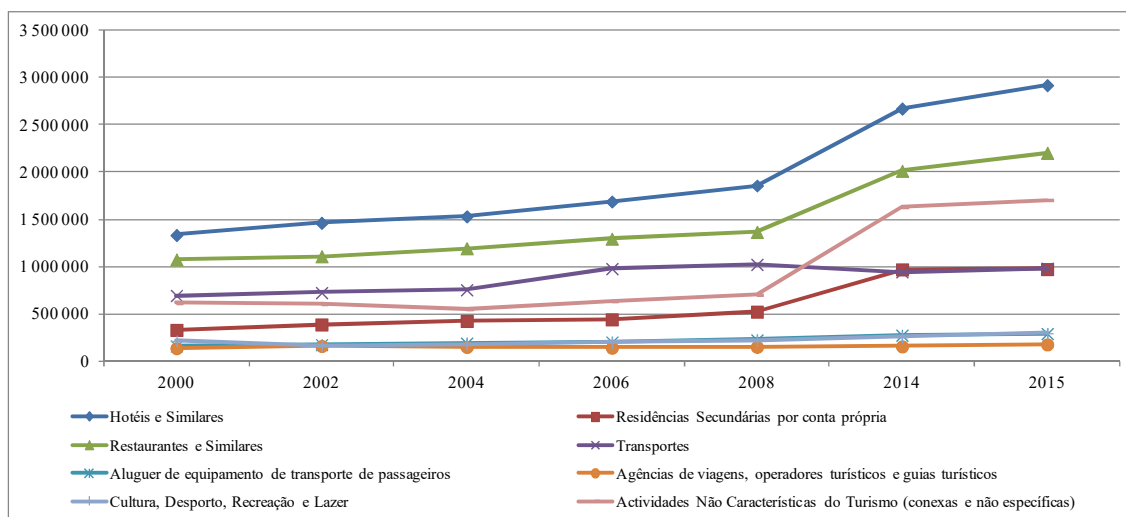
Indo além da descrição dos resultados desta conta satélite, procedeu-se à análise evolutiva de vários indicadores para alguns anos.

3. Análise Exploratória dos Dados

Numa primeira fase, analisou-se a evolução do VABGT e do VAB, por atividade. Para a compilação do Gráfico 16, incluiu-se, inicialmente, valores de dois em dois anos, entre 2000 e 2008, já que durante esse período a evolução do VABGT por cada atividade seguiu a mesma tendência, oscilando praticamente de modo idêntico ao longo dos anos. De seguida, devido à falta de dados, foi feita uma quebra na linha temporal utilizada, ou seja, não são demonstrados os valores de 2009 a 2013, mas são incluídos os de 2014 e 2015. Mais uma vez, converteram-se estes últimos valores para o ano base 2006,

recorrendo para tal ao fator de atualização de 1/1,09504. Chama-se a atenção para o facto deste procedimento ter sido seguido para construir a maioria dos gráficos desta secção.

Gráfico 16 - Evolução do Valor Acrescentado Bruto gerado pelo turismo (VABGT), por atividade (base 2006).



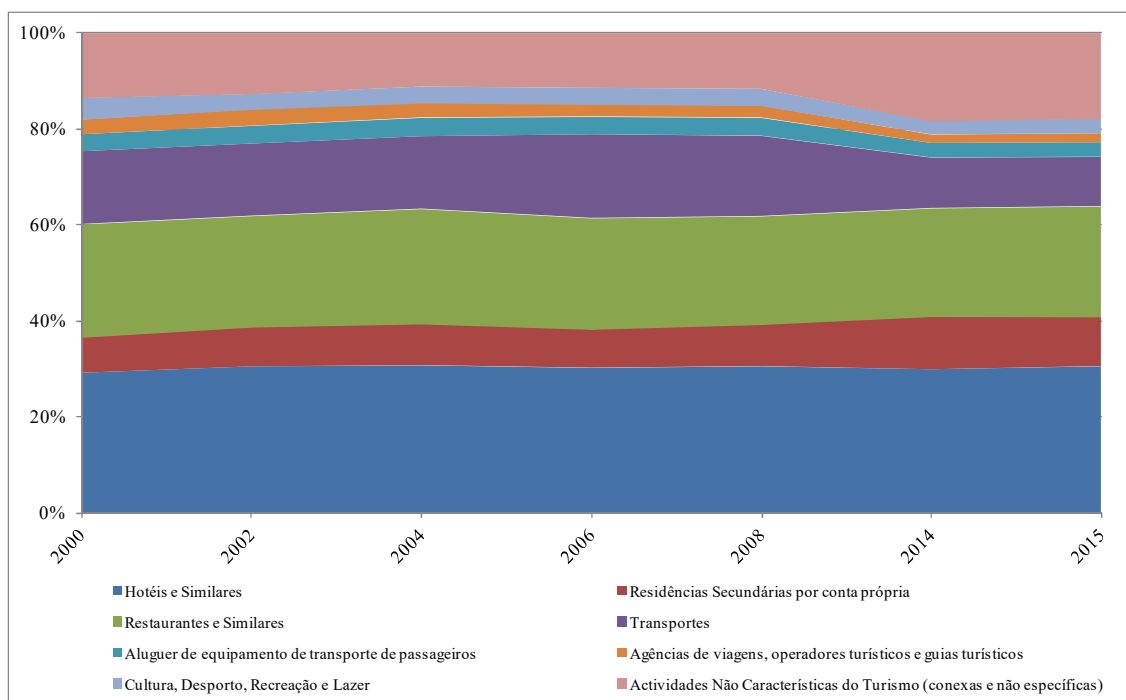
Valores em milhares de Euros.

Fonte: Elaboração própria com base em INE.

O que ressalta à vista ao se observar o gráfico é a diferença abrupta entre os valores registados até 2008 e a partir de 2014. Numa primeira fase, verifica-se que o VABGT de todas as atividades consideradas sofreu um crescimento mais ou menos constante até ao ano 2008, tendo a sua estrutura se mantido idêntica. Infelizmente não é possível estudar o que aconteceu durante os cinco anos em falta na linha temporal, no entanto, entre 2008 e 2014, constata-se um aumento significativo na importância do VABGT de todas as atividades, à exceção dos Transportes. Os Hotéis e os Restaurantes foram sempre os setores que mais contribuíram para o agregado em análise, todavia, mais recentemente, os Transportes, que assumiam a terceira posição, foram substituídos pelas atividades não características do turismo e ultrapassados pelas Residências secundárias. Nos últimos dois anos analisados, constata-se que houve uma melhoria da performance do VABGT em geral, salientando-se o crescimento dos Serviços culturais (15,2%) e das Agências de viagens (13,1%).

Relativamente à estrutura do VABGT, o Gráfico 17 dá uma visão da forma como este agregado se encontra subdividido por atividade turística. Daqui pode-se retirar basicamente as mesmas conclusões verificadas anteriormente.

Gráfico 17 - Evolução da composição do Valor Acrescentado Bruto gerado pelo turismo.



Fonte: Elaboração própria com base em INE.

Como se constata, não se registaram alterações significativas ao longo do período de 2000 a 2008 e os setores que apresentaram um maior peso foram o do Alojamento (com uma importância a rondar os 30%), o da Restauração (cerca de 23%) e o dos Transportes, tal como é igualmente visível no Gráfico 16. Este último setor foi dos que sofreu uma maior alteração entre os anos 2008 e 2014, passando a registar um menor peso no total do VABGT. Por outro lado, as atividades não características do turismo passaram a contribuir mais para este agregado, tal como já foi averiguado.

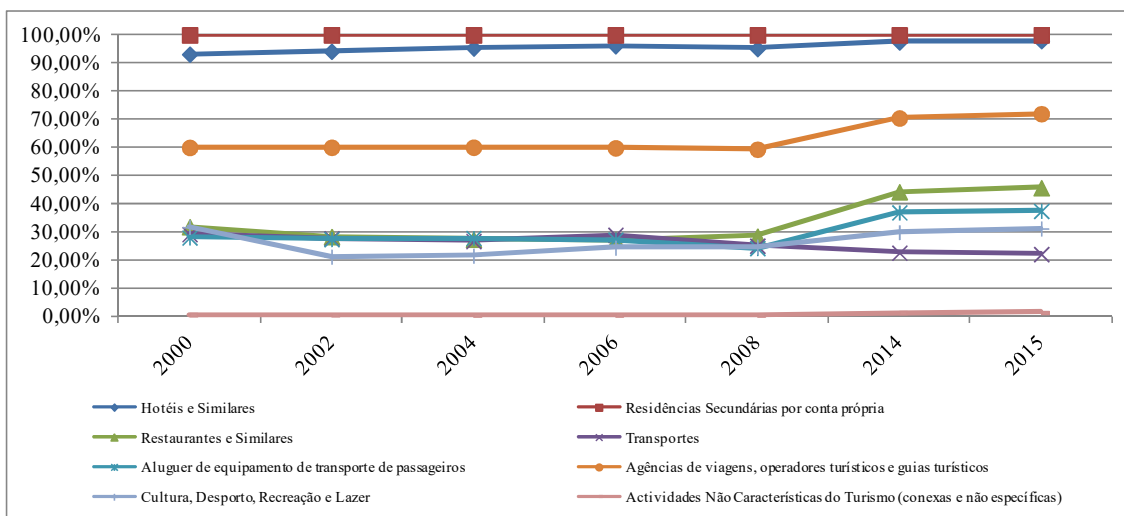
As principais alterações na estrutura da contribuição das atividades características para o VABGT podem ser justificadas essencialmente por três razões. No caso dos Transportes, por um lado, a existência de mais companhias de aviação a operarem no espaço aéreo português fez com que as viagens passassem a pesar menos no total das despesas dos turistas. Por outras palavras, com o aumento da concorrência, o valor das deslocações decresceu, fazendo com que esta atividade passasse a contribuir menos para o VABGT. Contudo, por outro lado, este mesmo fenómeno fez com que parte do valor

acrescentado gerado em Portugal pelos transportes aéreos fosse canalizado para outros países, uma vez que as companhias aéreas são, na sua maioria, estrangeiras.

No caso das atividades não características do turismo, um dos possíveis motivos do aumento da sua importância como geradoras de valor está relacionado com o facto de, atualmente, os visitantes de Portugal interessarem-se mais por outras atividades e serviços que não estão diretamente ligados ao turismo. Dito isto, talvez fizesse sentido que a estrutura das atividades turísticas características fosse repensada e modificada, de acordo com a nova realidade que se vive.

O Gráfico 18 mostra o peso do VABGT de cada atividade turística no seu VAB total. Por exemplo, considerando apenas o caso das Agências de viagens, do VAB total gerado por este setor, entre 2000 e 2008, cerca de 60% tinha origem no turismo, tendo esta proporção aumentado para 70,5% e 72% em 2014 e 2015, respetivamente.

Gráfico 18 - Evolução do peso do VABGT no VAB de cada atividade turística.



Fonte: Elaboração própria com base em INE.

O peso das Residências secundárias foi sempre igual a 100% ao longo da série temporal considerada, o que significa que esta atividade apenas gera valor para o turismo. Quanto aos Hotéis e similares, constata-se que a sua importância foi sempre superior a 90%, registando apenas ligeiras flutuações, o que evidencia a sua relevância na geração do VAB. As atividades não características contribuíram muito pouco para este agregado, tendo apenas ultrapassado a fasquia de 1% nos últimos dois anos em análise.

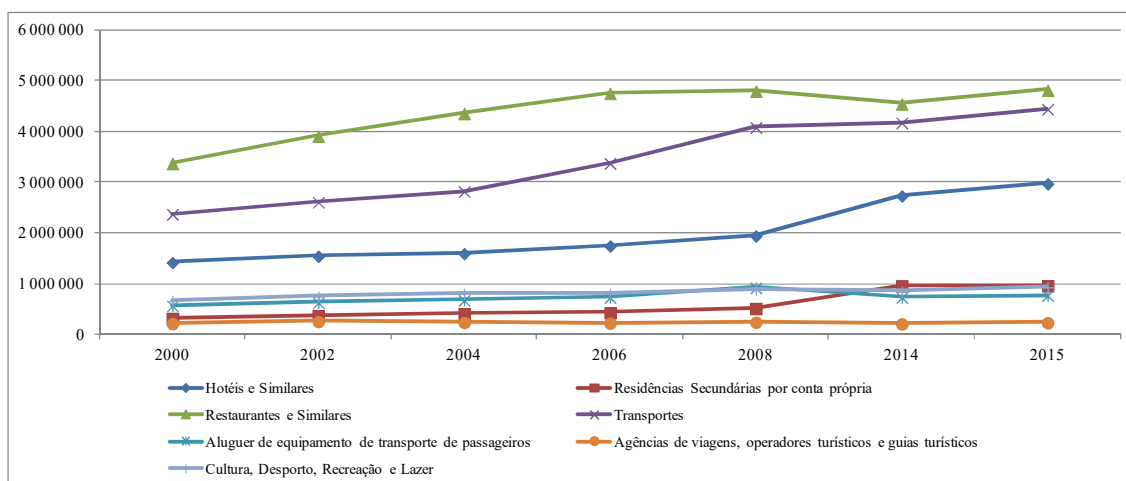
Por seu turno, as restantes atividades, durante o primeiro período considerado, possuíam uma relevância idêntica, com pequenos altos e baixos e com a sua ordem de importância a variar ligeiramente. A partir de 2014, a posição de cada uma foi demarcada, sendo que os Restaurantes passaram a ocupar a primeira posição, seguindo-se o Aluguer de equipamento de transporte, os Serviços culturais, desportivos e recreativos e, finalmente, os Transportes.

O Gráfico 19 expõe a evolução do VAB por atividade. Para a sua construção, voltou-se a converter os valores de 2014 e 2015, tendo em consideração o Índice de Preços no Consumidor. A estrutura deste agregado é diferente da anterior, sendo os Restaurantes e similares a atividade característica do turismo com um maior peso, seguindo-se os Transportes e os Hotéis e similares. Entre o período de 2000 a 2008, foram essencialmente estas três atividades que mais cresceram.

Entre 2014 e 2015, o gráfico demonstra que tanto os Transportes, como os Hotéis aumentaram a sua importância no total do VAB e a estrutura deste agregado manteve-se mais ou menos equivalente. As principais diferenças verificaram-se nas Residências

secundárias, cujo valor, em termos absolutos, quase duplicou, revelando-se a quarta maior atividade a contribuir para o VAB; e nos Restaurantes e similares, que, apesar de continuarem a ocupar a primeira posição, viram a sua importância diminuir ligeiramente.

Gráfico 19 - Evolução do Valor Acrescentado Bruto (VAB) por atividade (Base 2006).

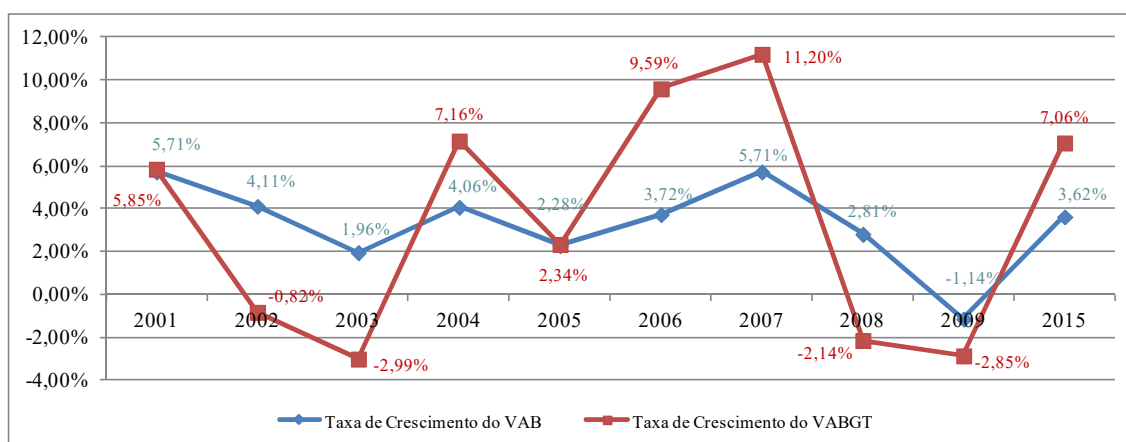


Valores em milhares de Euros.

Fonte: Elaboração própria com base em INE.

Quanto à variação dos dois indicadores económicos em estudo, o Gráfico 20 inclui informação referente às suas taxas de crescimento de 2001 a 2009 e de 2015. Aqui estuda-se a evolução do VABGT e do VAB face ao ano anterior, daí nem o ano 2000, nem 2014 estarem incluídos. Verifica-se que o VABGT apresenta oscilações mais acentuadas, embora ambos os agregados sigam as mesmas tendências de desenvolvimento entre os anos considerados.

Gráfico 20 - Evolução das taxas de crescimento do VABGT e do VAB.

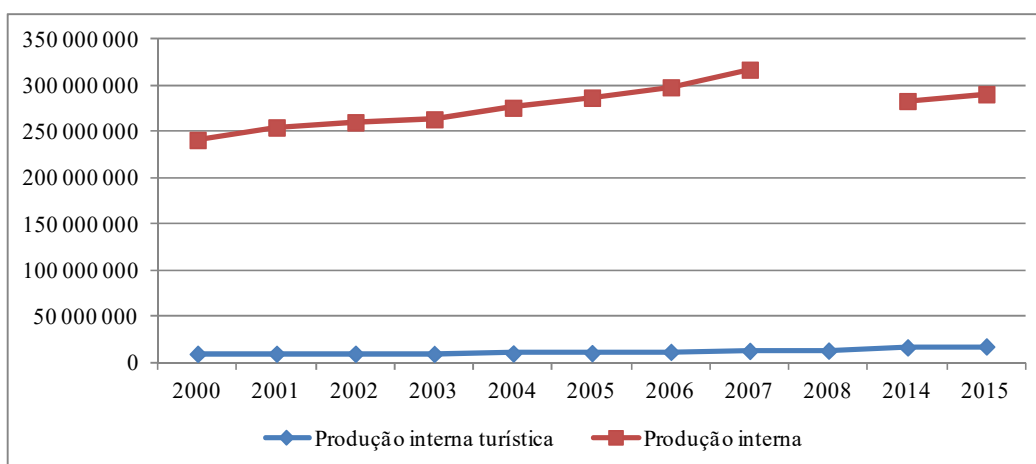


Fonte: Elaboração própria com base em INE.

Existem outros indicadores que valem a pena ser analisados, uma vez que estão na base do cálculo do VAB. Um deles equivale ao *output* total, que basicamente nos dá o valor daquilo que os produtores faturam com a produção de bens e serviços. Dentro deste agregado, pode-se distinguir a componente do turismo, denominada *output* turístico.

O gráfico apresentado abaixo demonstra de que forma a produção interna (soma do *output* total dos vários ramos de atividade da economia nacional) e a produção interna turística (somatório do *output* turístico) evoluíram desde o início do milénio. É possível constatar que ambos os indicadores registaram uma tendência crescente, apesar do segundo apresentar variações mais modestas. Verifica-se que a produção interna turística cresceu constantemente ao longo do período considerado, ao passo que a produção interna, embora tenha aumentado de forma contínua de 2000 a 2007, viu a sua importância diminuir a partir daí. Não existem dados disponíveis relativos a este indicador para os anos entre 2008 e 2013, todavia, como se pode ver, entre 2014 e 2015 os seus valores voltaram a subir e espera-se que esta propensão se mantenha.

Gráfico 21 - Evolução da produção interna turística e total nacional.

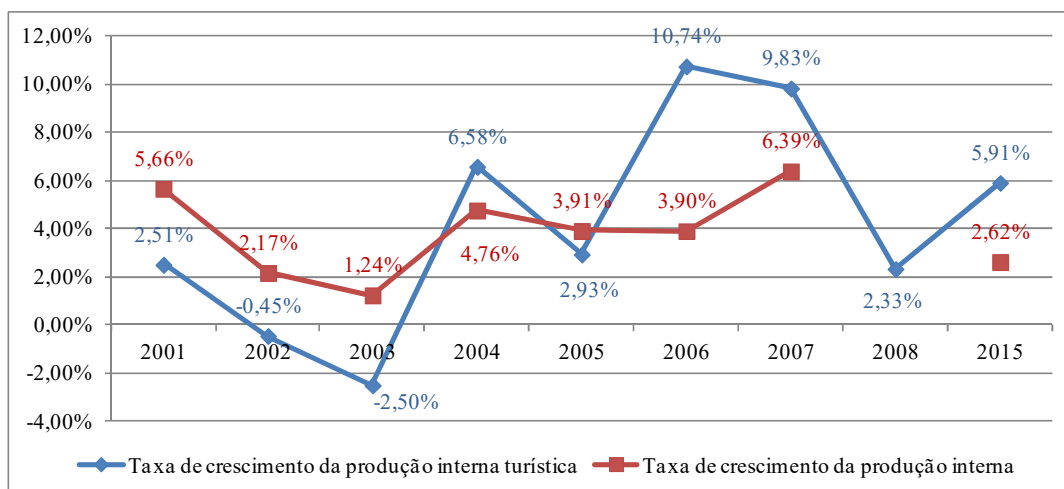


Valores em milhares de Euros

Fonte: Elaboração própria com base em INE.

O Gráfico 22 fornece uma melhor perspetiva destas variações. A produção interna nacional registou um crescimento constante, embora em intensidades diferentes, destacando-se os anos de 2001 e de 2007, com taxas de 5,66% e 6,39%, respetivamente. Quanto à produção interna turística, salienta-se o comportamento da sua variação nos anos 2002 e 2003, quando este agregado decresceu ligeiramente, apresentando taxas negativas de -0,45% e -2,50%, e 2006 e 2007, quando aumentou em 10,74% e 9,83%, sendo estes anos bastante favoráveis para o turismo em Portugal.

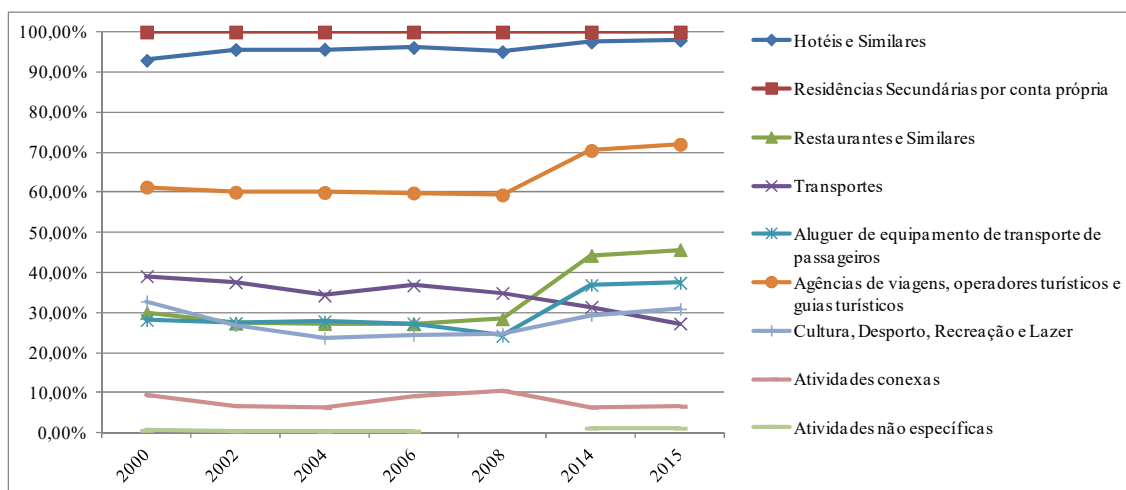
Gráfico 22 - Variação da produção interna turística e da produção interna.



Fonte: Elaboração própria com base em INE.

De seguida, estudou-se o peso do *output* turístico no *output* total de cada atividade. Segundo o Gráfico 23, o *output* turístico das Residências secundárias, dos Hotéis e das Agências de viagens equivale, em média, a 100%, a 95,88% e a 62,13% do *output* total produzido. Isto significa que 0%, 4,12% e 37,87% da faturação total destas atividades não está relacionada com o turismo.

Gráfico 23 - Peso do *output* turístico no *output* total por atividade.

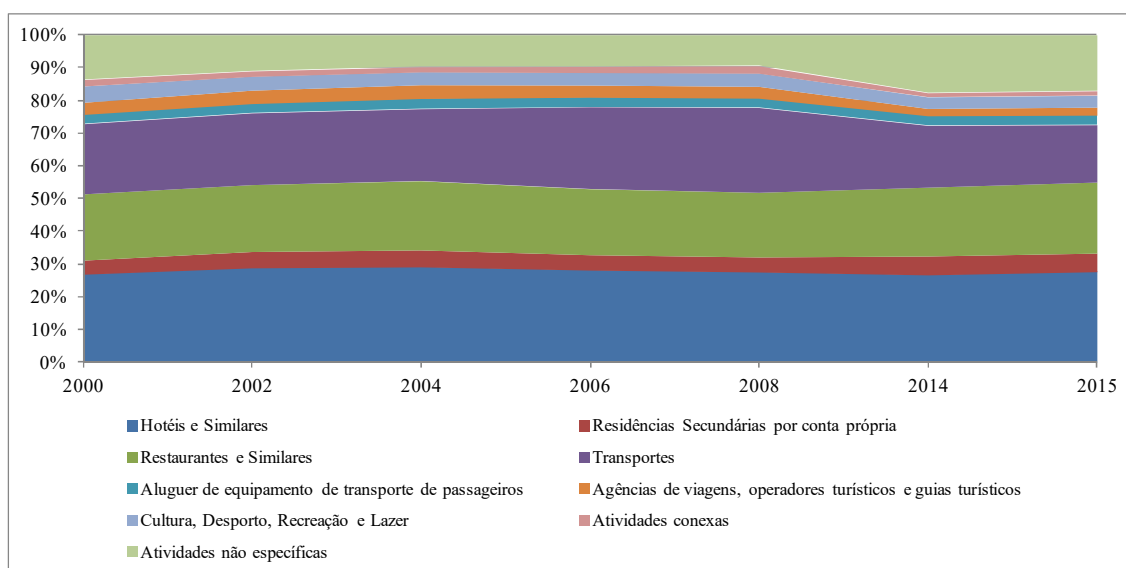


Fonte: Elaboração própria com base em INE.

Segue-se o setor dos Transportes, que apresenta uma importância média de 36,05%, de 2000 a 2008, diminuindo para 29,37% para os últimos dois anos em análise. Em 2014 e 2015, o peso desta atividade foi ultrapassado pela Restauração, cujo *output* turístico passou a representar quase 45% do total da sua produção, e pelo Aluguer de equipamento de transporte (37,17%). Em 2015, este setor foi ainda ultrapassado pelas atividades culturais, desportivas e recreativas.

Estudando agora de que modo cada atividade contribui para o *output* turístico gerado, como se pode ver no Gráfico 24, é o setor do alojamento aquele que representa uma maior parcela, que ronda, em média, os 28%. Os Transportes surgem em segundo lugar, seguindo-se a Restauração, apesar das suas posições serem trocadas a partir de 2014, quando os Restaurantes passaram a apresentar um contributo de, em média, 21,41% e os Transportes de 18,11%. Ainda nesse ano, é de salientar o aumento da proporção das atividades não específicas. Chega-se, portanto, às mesmas conclusões retiradas anteriormente, aquando da análise da composição do VABGT [Gráficos 16 e 17].

Gráfico 24 - Estrutura do *output* turístico por atividade.

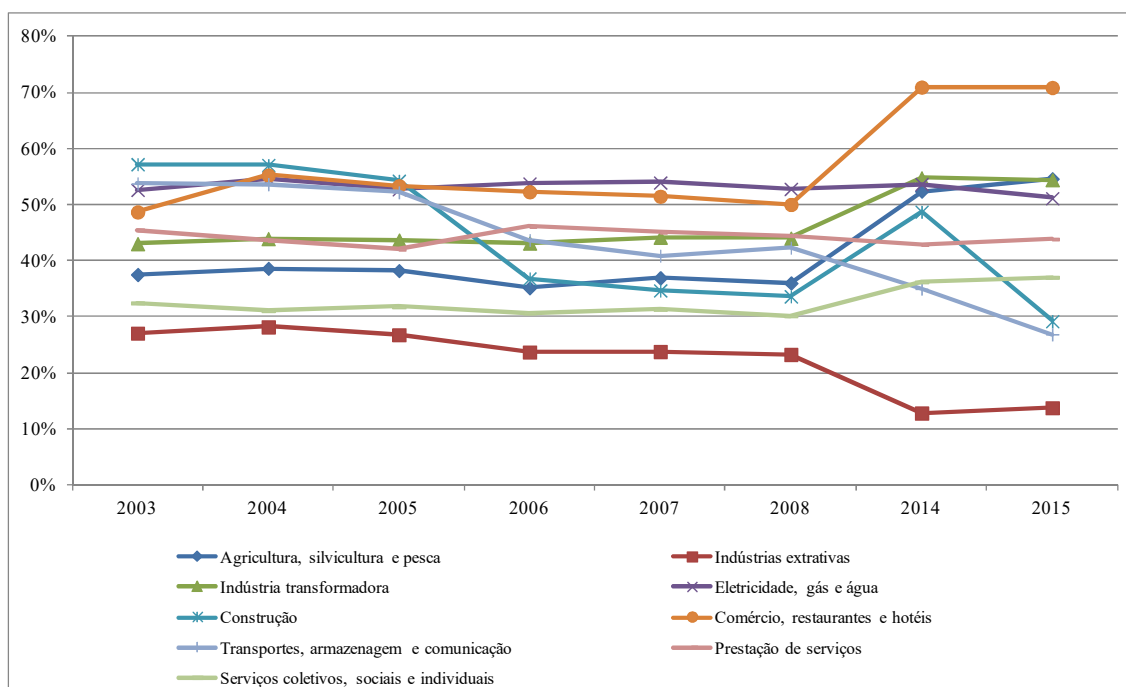


Fonte: Elaboração própria com base em INE.

Finalmente, outro indicador que merece ser alvo de atenção é o consumo intermédio, que dá o contributo - em termos de *input* - de cada setor da economia para cada atividade. O Gráfico 25 representa a proporção de *output* que cada ramo produz e que é canalizado para o turismo, ao longo do período de 2003 a 2015. Verifica-se que a produção de alguns setores destina-se maioritariamente às atividades turísticas características, embora as importâncias de cada um tenham sofrido algumas oscilações consideráveis.

Nos primeiros anos do milénio, cerca de 57% do *output* gerado pelo ramo da Construção constituía um *input* turístico, ou seja, tinha como fim o turismo. Logo a seguir encontravam-se os setores dos Transportes, armazenagem e comunicação, da Eletricidade, gás e água e do Comércio, restaurantes e hotéis. A dada altura, o peso destes setores acabou por se assemelhar e depois de 2005 a estrutura mencionada anteriormente já não correspondia à realidade.

Gráfico 25 - Evolução do peso do *output* turístico no *output* total nas atividades características do turismo, por setor da economia.



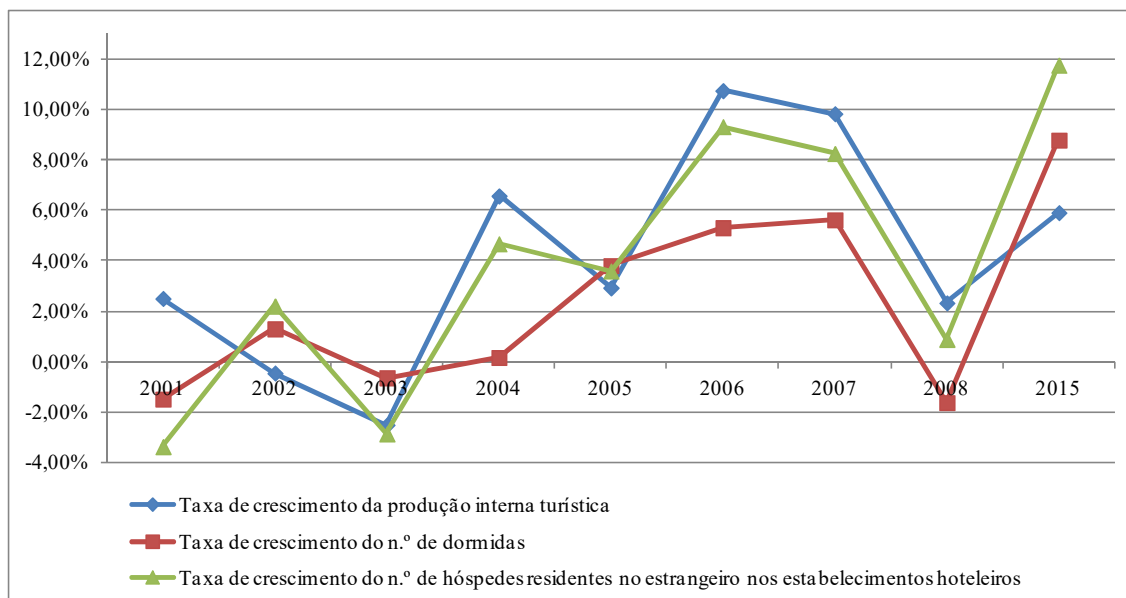
Fonte: Elaboração própria com base em INE.

São de destacar as alterações verificadas após 2014. A partir desse ano, 71% do *output* do setor do Comércio, restaurantes e hotéis passou a dizer respeito ao turismo, enquanto a Indústria transformadora, Eletricidade, gás e água e Agricultura, silvicultura e pesca surgem logo de seguida. Saliente-se que o aumento da importância do *output* destes últimos ramos de atividade no turismo está relacionado precisamente com o acréscimo verificado nos setores da Restauração e Hotelaria.

Merece ainda algum destaque a quota referente à Construção e aos Transportes, outrora os setores que mais contribuíam para o turismo e em 2015 dos que menos *input* proporcionaram.

Decidiu-se analisar também se existe algum tipo de relação entre a produção interna turística e outras estatísticas relacionadas com o turismo, designadamente o número de dormidas nos alojamentos turísticos coletivos e o número de turistas estrangeiros que pernoitam em estabelecimentos hoteleiros em Portugal. Perante valores absolutos em unidades diferentes e, por isso, difíceis de serem representados e analisados graficamente, optou-se por apresentar a evolução das suas taxas de crescimento ao longo do período temporal com dados disponíveis.

Gráfico 26 - Evolução das taxas de crescimento da produção interna turística, do número de dormidas nos alojamentos turísticos coletivos e do número de hóspedes residentes no estrangeiro nos estabelecimentos hoteleiros, em Portugal.



Fonte: Elaboração própria com base em INE e Pordata.

Olhando para o Gráfico 26, nota-se que a variação dos três indicadores representados aparenta ser mais ou menos consistente, seguindo, regra geral, a mesma tendência. Este facto é bem visível entre a produção interna turística e o n.º de hóspedes estrangeiros nas unidades hoteleiras, entre os anos 2003 e 2008.

4. Modelos de Previsão do VABGT

Nas secções anteriores procedeu-se a uma análise descritiva dos resultados que se podem retirar das CST elaboradas para Portugal. Desta análise, já foi possível retirar algumas conclusões que constituem áreas que podem merecer estudo adicional, como serão os casos da evolução do peso dos Transportes e das Atividades Não Características do Turismo. Nesta secção pretende-se ensaiar um modelo que nos permita identificar variáveis regularmente disponíveis numa base anual ou subanual, que possam servir de previsores dos valores do VABGT. Este exercício responde a várias questões, como: a estimação dos valores do VABGT em falta, para os anos de 2010 a 2013; a previsão antecipada de valores do VABGT; a extensão do modelo para a estimação do VABGT

para as diversas regiões do país. Existindo apenas duas CST regionais, importa desenvolver uma metodologia para estimação dos valores correspondentes a este nível.

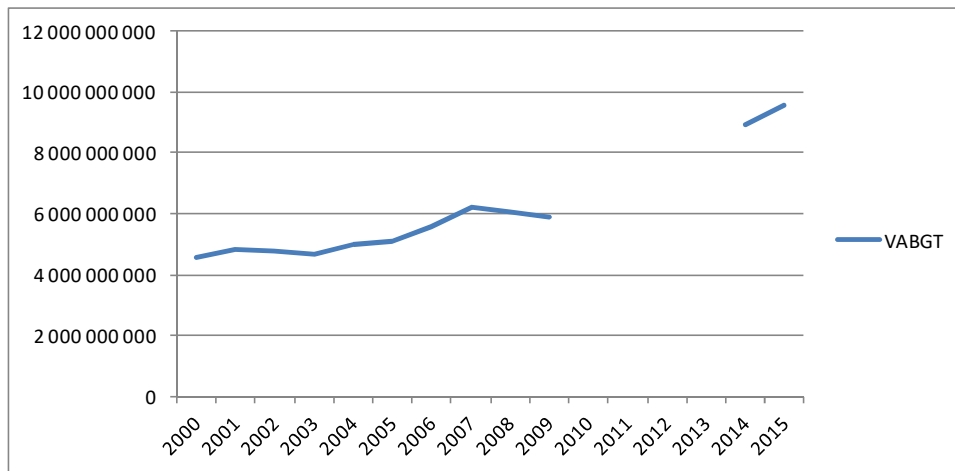
Foram estimadas várias regressões exploratórias, tendo sido consideradas variáveis como o VAB total, a produção interna turística, o número de dormidas, o número de hóspedes estrangeiros nos estabelecimentos hoteleiros e o *output* turístico. As variáveis mais disponíveis serão o VAB total, que não terá uma base teórica forte, o número de dormidas, que se espera que esteja correlacionado com a produção interna turística e o VAB, assim como o número de hóspedes. A tabela seguinte reproduz os coeficientes de correlação simples entre as várias variáveis. Constatam-se que estas são, de facto, altamente correlacionadas com o VABGT e entre si, apresentando coeficientes de correlação de Pearson a variar entre 0,778 e 1, razão pela qual não devem ser utilizadas na regressão em simultâneo.

Tabela 5 - Correlações entre as variáveis VABGT, VAB, produção interna turística, n.º de dormidas, n.º de hóspedes estrangeiros e *output* turístico.

		VABGT	VAB	Produção interna turística	N.º de dormidas	N.º de hóspedes estrangeiros	Output turístico
VABGT	Correlação de Pearson	1	0,778	0,994	0,985	0,995	0,893
	Sig. (bilateral)		0,003	0	0	0	0,003
	N	12	12	11	11	11	8
VAB	Correlação de Pearson	0,778	1	0,862	0,857	0,825	0,993
	Sig. (bilateral)	0,003		0,001	0,001	0,002	0
	N	12	12	11	11	11	8
Produção interna turística	Correlação de Pearson	0,994	0,862	1	0,992	0,995	0,938
	Sig. (bilateral)	0	0,001		0	0	0,001
	N	11	11	11	11	11	8
N.º de dormidas	Correlação de Pearson	0,985	0,857	0,992	1	0,995	0,934
	Sig. (bilateral)	0	0,001	0		0	0,001
	N	11	11	11	11	11	8
N.º de hóspedes estrangeiros	Correlação de Pearson	0,995	0,825	0,995	0,995	1	0,915
	Sig. (bilateral)	0	0,002	0	0		0,001
	N	11	11	11	11	11	8
Output turístico	Correlação de Pearson	0,893	0,993	0,938	0,934	0,915	1
	Sig. (bilateral)	0,003	0	0,001	0,001	0,001	
	N	8	8	8	8	8	8

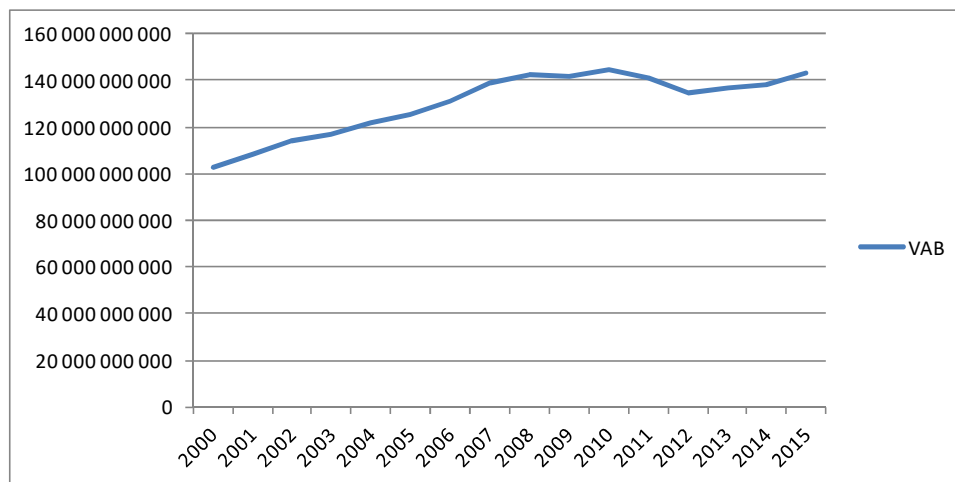
Nos gráficos seguintes, apresenta-se a representação da evolução de cada uma das variáveis em análise.

Gráfico 27 - Evolução do Valor Acrescentado Bruto gerado pelo turismo, nos períodos 2000-2009 e 2014-2015.



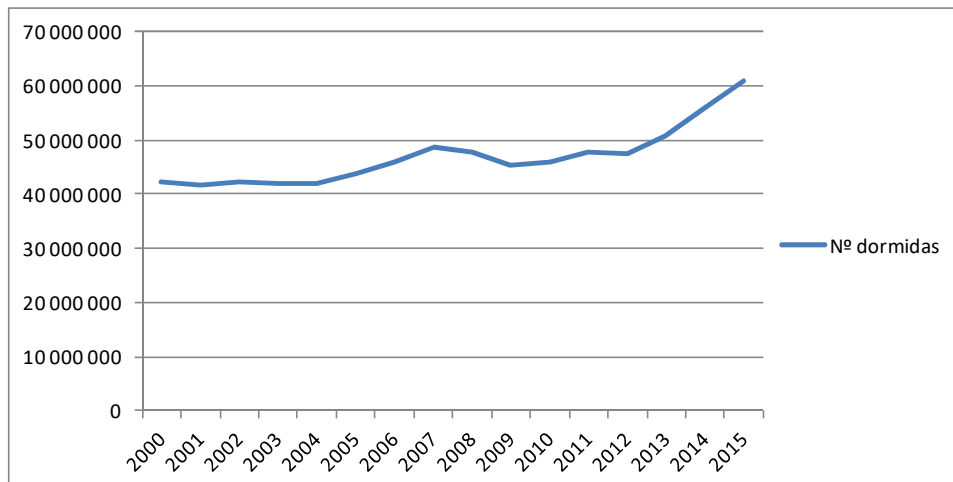
Fonte: Elaboração própria com base em INE.

Gráfico 28 - Evolução do Valor Acrescentado Bruto, no período 2000-2015.



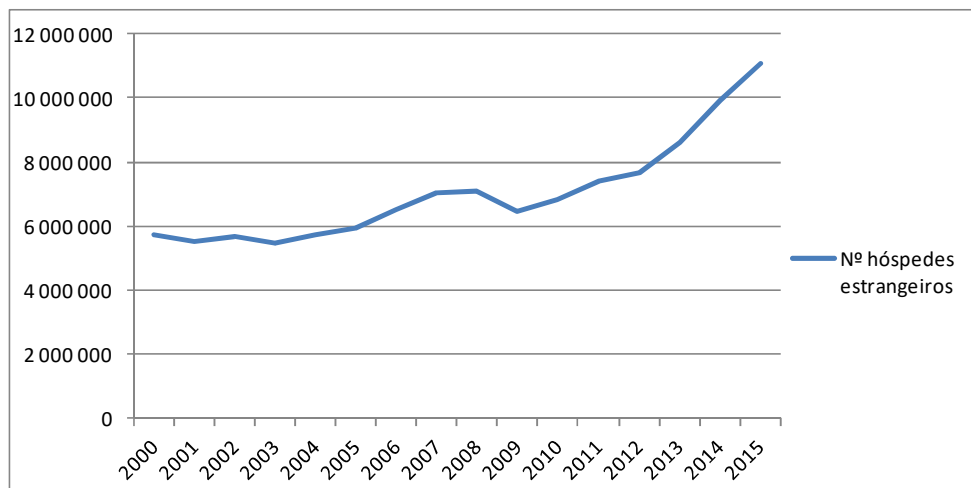
Fonte: Elaboração própria com base em PORDATA.

Gráfico 29 - Evolução do número de dormidas em Portugal Continental, no período 2000-2015.



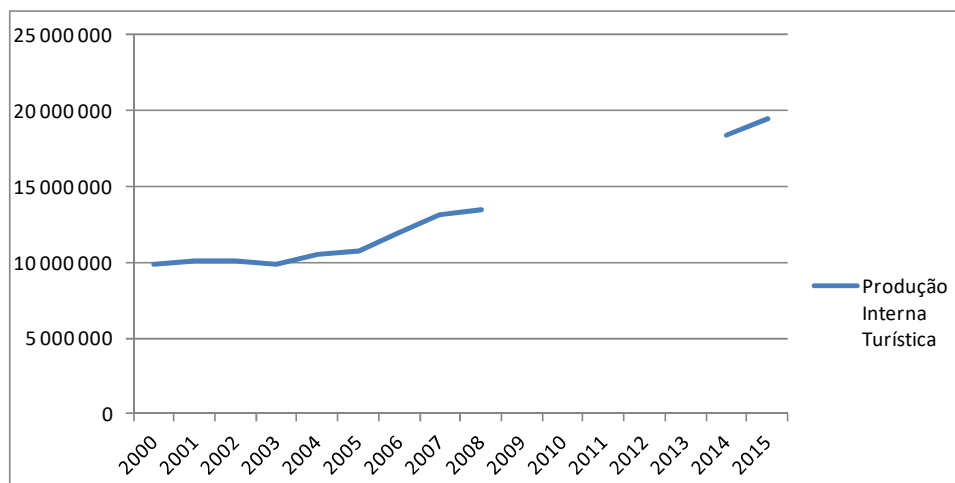
Fonte: Elaboração própria com base em PORDATA.

Gráfico 30 - Evolução do número de hóspedes estrangeiros em Portugal Continental, no período 2000-2015.



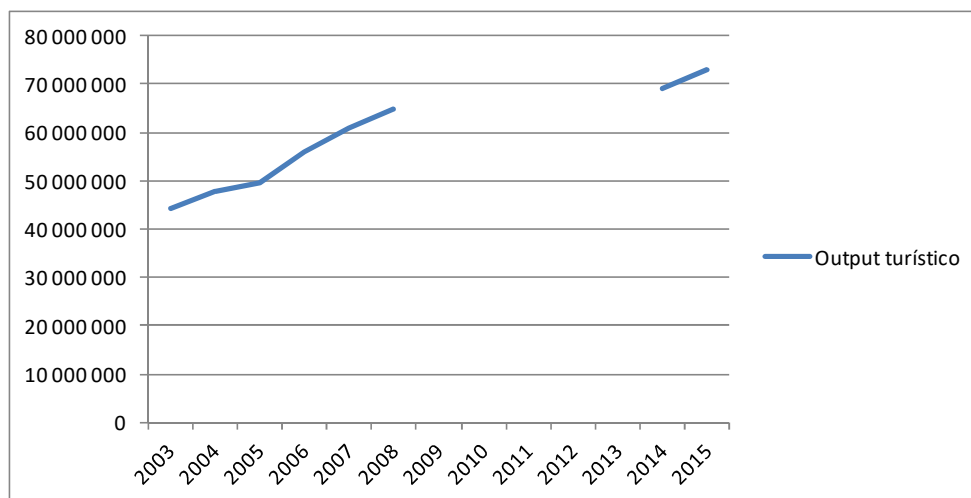
Fonte: Elaboração própria com base em PORDATA.

Gráfico 31 - Evolução da Produção Interna Turística, nos períodos 2000-2008 e 2014-2015.



Fonte: Elaboração própria com base em INE.

Gráfico 32 - Evolução do *output* turístico, nos períodos 2003-2008 e 2014-2015.



Fonte: Elaboração própria com base em INE.

Para contornar o problema de multicolinearidade evidenciado, decidiu-se adotar uma solução destacada por Hair Jr, Anderson, Tatham e Black (2005), que consiste em formular regressões lineares simples entre a variável dependente (VABGT) e cada uma das variáveis independentes (todas as restantes já mencionadas) (Miloca e Conejo, 2013).

Considerando, numa primeira linha, o VAB como variável explicativa, obteve-se o seguinte modelo:

$$(1) \quad VABGT_t = -8.003.262,108 + 0,104VAB_t$$

(t = - 2,213) (t = 3,914)

$$R^2 \text{ ajustado} = 0,566$$

A função demonstra que se o VAB aumentar o equivalente a um milhar de Euros, o VABGT irá aumentar em 104 Euros [Anexo 3]. A constante da função revela que se num determinado momento o VAB for nulo, o VABGT tomará o valor de - 8.003.262,108 mil Euros. Como não faz sentido falar em valores acrescentados negativos, assume-se que o VABGT seria igualmente nulo.

Assumindo um nível de significância de apenas 1%, a estatística de teste revela que o fator de variação do VAB é significativo no modelo. O valor do R^2 ajustado, que nos dá a qualidade de ajustamento de uma regressão linear, é de 0,566, o que significa que o VAB explica 56,6% da variabilidade do VABGT.

Admitindo agora a produção interna turística como variável independente, obtém-se uma equação com um nível de ajustamento de 0,986, um valor bastante aceitável. Ao nível de significância de 1%, a estatística t de Student indica que o parâmetro da variável explicativa é relevante no modelo [Anexo 4]. A equação obtida é apresentada abaixo:

$$(2) \quad VABGT_t = -1.392.790,673 + 0,598Produção_interna_turística_t$$

(t = - 4,754) (t = 26,405)

$$R^2 \text{ ajustado} = 0,986$$

Interpretando o fator de variação, conclui-se que se a produção interna turística aumentar em mil Euros, num dado momento t, o VABGT irá aumentar em 598 Euros. Novamente, o valor da constante é negativo, o que significa que, não existindo valores acrescentados negativos, a variável tomaria o valor zero se porventura não existisse produção turística.

Passando ao "Número de dormidas nos estabelecimentos hoteleiros", possui-se um R^2 ajustado de 0,966 e o parâmetro da variável independente demonstra-se significativo [Anexo 5]. Já em relação ao modelo, o valor do coeficiente diz-nos que por cada dormida a mais, o VABGT irá aumentar 0,321€:

$$(3) \quad VABGT_t = -8.879.926,632 + 0,321N^o_dormidas_t$$

$$(t = -9,969) \quad (t = 16,948)$$

$$R^2 \text{ ajustado} = 0,966$$

Quanto ao número de hóspedes estrangeiros, a regressão apresenta igualmente um bom ajustamento, tendo um R^2 ajustado de 0,989, e a estatística do teste t de Student anuncia que a variável é significativa [Anexo 6].

Relativamente ao modelo estimado, obtém-se a seguinte função:

$$(4) \quad VABGT_t = -1.422.290,038 + 1,091N^o_hóspedes_t$$

$$(t = -5,62) \quad (t = 30,681)$$

$$R^2 \text{ ajustado} = 0,989$$

Daqui retira-se que cada novo hóspede estrangeiro a pernoitar em Portugal contribui com 1,091€ para o VABGT. Este fator de variação é maior do que o coeficiente do número de dormidas, visto que, neste caso, são considerados não só os gastos efetuados com as dormidas, mas também com todas as outras atividades relacionadas, direta ou indiretamente, com o turismo.

A última variável corresponde ao *output* turístico. De acordo com os resultados, o novo modelo obtido possui um R^2 ajustado de 0,763, o que significa que 76,3% do VABGT pode ser explicado pelo *output* turístico. Apesar dessa percentagem ser menor do que aquelas que são apresentadas pelas variáveis anteriormente analisadas, não deixa de ser uma boa qualidade de ajustamento. Isso poderá resultar, por exemplo, do facto da variável "*Output* turístico" possuir menos dados disponíveis.

Mais uma vez, ao nível de significância de 1%, o parâmetro da única variável explicativa demonstra-se significativo [Anexo 7]. Chega-se ao modelo de regressão linear representado de seguida:

$$(5) \quad VABGT_t = -4.508.906,234 + 190,942Output_turístico_t$$

$$(t = -1,942) \quad (t = 4,854)$$

$$R^2 \text{ ajustado} = 0,763$$

O parâmetro diz que se o *output* turístico aumentar um milhar de Euros, o VABGT sofrerá um aumento de 190.942€.

Com a formulação destes modelos, torna-se possível fazer previsões acerca da variável dependente, o VABGT, que diz respeito a um dos indicadores turísticos mais importantes a identificar aquando da construção de uma CST. Por sua vez, apenas existem à disposição, para o período pretendido, dados referentes a três das variáveis independentes utilizadas: VAB, número de dormidas e número de hóspedes estrangeiros. Optou-se por seleccionar, dentre as equações (1), (3) e (4), o modelo que apresenta o melhor nível de ajustamento, com o intuito de se conseguir estimar valores para o VABGT, com a maior qualidade possível, para os anos de 2010 a 2013. A variável que se demonstrou mais promissora foi o número de hóspedes estrangeiros, com um R^2 ajustado de 0,989.

De seguida, apresentam-se os resultados a que se chegou. Note-se que os dados usados e os cálculos efetuados encontram-se disponíveis na secção de Anexos.

Tabela 6 - VABGT real para os períodos 2000-2009 e 2014-2015 e VABGT estimado para os anos 2010-2013 (Base 2006).

Anos	VABGT
2000	4 562 328,64
2001	4 829 038,13
2002	4 789 252,84
2003	4 645 831,05
2004	4 978 345,47
2005	5 095 005,35
2006	5 583 524,15
2007	6 208 722,07
2008	6 075 806,67
2009	5 902 697,42
2010	6 030 963,74
2011	6 664 469,26
2012	6 961 700,21
2013	7 990 537,21
2014	8 920 385,45
2015	9 550 019,20

Valores em Milhares de Euros.

De um modo geral, olhando para a Tabela 6, consegue-se ver que as estimativas - destacadas a cinza - revelam-se consistentes com as informações oficiais. As previsões indicam que, depois de dois anos a decrescer (2008 e 2009), o VABGT voltou a aumentar, tendo mantido esta tendência nos anos seguintes. Salientam-se os valores do início e do final do período temporal alvo da estimação, que parecem acompanhar a evolução real do indicador, o que traduz a ideia de que o modelo (4) constitui um bom instrumento de previsão.

No entanto, não se pode deixar de chamar a atenção para o facto de ter sido usada uma amostra relativamente reduzida e com falhas de dados, o que poderá, de certa forma, influenciar a robustez dos resultados. Apesar de não existirem, nem de se esperar que sejam criados, dados referentes aos anos em falta para Portugal, com a reativação recente da CST, presume-se que esta ferramenta continue a ser construída e que a base de dados referente ao turismo nacional se vá compondo e aumentando ao longo dos anos.

5. Conclusão

Estudar o "estado" do turismo num país constitui sempre uma vantagem, uma vez que os Governos, as empresas e todos os interessados na área ficam a conhecer melhor o comportamento dos visitantes e de que forma podem direccionar a sua produção e as suas estratégias para fazerem face às suas necessidades. Tendo isso em conta, a compilação de CST em Portugal foi sendo aperfeiçoada ao longo dos anos, sendo que o último relatório divulgado pelo INE, que data de 2017, equivale ao mais completo, incluindo informação que antes não era considerada. Espera-se que esta ferramenta continue a ser produzida no país.

Com base na informação publicada, foi possível, para além de se analisar indicadores turísticos pertinentes, examinar mais de perto de que forma o contributo do turismo para a economia portuguesa evoluiu. Constata-se que o peso do CTTE na produção nacional tem aumentado, assim como a importância do VABGT para o VAB total, e que uma parcela cada vez maior do emprego nacional diz respeito a atividades características do turismo.

Os Hotéis e os Restaurantes são as duas atividades turísticas que mais valor acrescentado e *output* turístico geram. De seguida, encontram-se, atualmente, as atividades não características do turismo, que passaram a substituir os Transportes. Estes têm perdido importância ao longo dos anos, possivelmente devido à redução do valor das viagens e ao facto de existirem em Portugal mais companhias aéreas estrangeiras, cujo valor acrescentado se destina aos seus países de origem. A nova posição das atividades conexas e não específicas poderá indiciar a necessidade de se redefinir as atividades características do turismo. Note-se que o quadro conceptual e a metodologia das CST já foram determinados, a nível internacional, há 20 anos, o que faz com que possam estar, de certa forma, desatualizados da realidade turística dos dias de hoje, embora tenham sido alvo de algumas modificações ao longo do tempo. No caso de Portugal, as linhas orientadoras para o desenvolvimento deste instrumento foram definidas em 2003, apesar do INE também ter tido o cuidado de implementar alterações, por exemplo ao nível de conceitos. Deixa-se, por isso, a advertência de que, para além da importância de se apurar indicadores numéricos acerca do turismo, é também crucial que se interprete os sinais que estes transmitem.

Com o intuito de se tentar estimar o VABGT para os anos com falta de dados, foram formuladas várias regressões lineares simples. Todas as equações se demonstraram significativas, mas apenas três delas poderiam ser utilizadas para fazer previsões do VABGT, uma vez que eram as únicas com informações disponíveis. Recorreu-se àquela que tem como variável explicativa o número de hóspedes estrangeiros nos estabelecimentos hoteleiros, tendo os resultados obtidos se demonstrado coerentes com a evolução real do agregado.

Com a intensificação do turismo em Portugal (Alves, 2016), destacando-se a evolução muito positiva registada nos Açores (Couto, Pimentel e Ponte, 2017), a construção de CST revela-se essencial, uma vez que possibilitam um maior conhecimento do contributo real, em termos monetários, do setor turístico para a economia (Marujo, Borges, Serra, Eusébio, Milheiro e Dinis, 2012). É importante que este instrumento continue a ser produzido a nível nacional e que sejam feitos esforços para que volte a ser desenvolvido também a nível regional, com o intuito de se ficar a conhecer melhor os impactos do turismo, principalmente no PIB e no emprego, e, assim, atuar em prol da melhoria do posicionamento de Portugal no contexto internacional (Fortuna e Maciel, 2017; Turismo de Portugal, 2017).

Referências

Alves, A. L. (2016). *Evolução do Turismo Nacional. Opinião*. E.E.F. Mercados Financeiros. Banco BPI.

- Cañada, A. (2013), Regional Tourism Satellite Account, UNWTO Statistics and TSA Issue Paper Series STSA/IP/2013/02 (Online), disponível em: <http://statistics.unwto.org/en/content/papers>.
- Couto, G., Pimentel, P., & Ponte, J. (2017). Tourism Development Potential in an Insular Territory: The Case of Ribeira Grande in the Azores.
- Couto, S. I. V. S. (2011). Conta satélite de turismo para as economias regionais (Master's thesis, Universidade de Aveiro).
- Fortuna e Maciel (2017). Contas Satélite do Turismo Nacionais e Regionais em Portugal. Centro de Estudos de Economia Aplicada do Atlântico, WP No. 06/2017, Universidade dos Açores. Ponta Delgada.
- Franz, A., Laimer, P., & Manente, M. (2014). European Implementation Manual on Tourism Satellite Accounts. *European Commission*. Accessed May, 14.
- Hair Jr, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (2005). Análise Multivariada de dados. Tradução: Adonai Schlup Sant 'Anna e Anselmo Chaves Neto.
- INE (2003). Estudo de Implementação da Conta Satélite do Turismo em Portugal: Programa Operacional da Economia (POE).
- INE (2017). Conta Satélite do Turismo (2014 - 2016).
- INE (2018). Atualização de Valores com Base no IPC, disponível em: <https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ipc> [consultado a 12-01-2018].
- Marujo, N., Borges, M., Serra, J., Eusébio, C., Milheiro, E. & Dinis, G. (2012). Quadro Metodológico para a Elaboração da Conta Satélite do Turismo (CST) para a Região do Alentejo.
- Miloca, S. A., & Conejo, P. D. (2013). Multicolinearidade em modelos de regressão. *SEMANA ACADÊMICA DA MATEMÁTICA*, 22.
- OCDE (2000). Measuring the Role of Tourism in OECD Economies: The OECD Manual on Tourism Satellite Accounts and Employment, OECD Publishing, Paris, disponível em: <http://dx.doi.org/10.1787/9789264182318-en>.
- OMT (2002). Designing the Tourism Satellite Account (TSA). Methodological Framework.
- OMT, ONU, Eurostat & OCDE (2010). Tourism Satellite Account: Recommended Methodological Framework 2008. *Studies in Methods, series F*, (80).

ONU, CE, FMI, OCDE e Banco Mundial (2009). System of National Accounts 2008.

SREA (2007). Estudo sobre os Turistas que visitam os Açores 2005-2006.

SREA, DREM & ISTAC (2008). *Contas Satélite do Turismo da Macaronésia 2001/2002*.

Turismo de Portugal (2008). *Conta Satélite do Turismo. Turismo: Actividade Económica 2000-2007*.

Turismo de Portugal (2017). Apresentação da Estratégia Turismo 2027: 15 de março na BTL. *Turismo de Portugal*.

Anexos

Anexo 1 - Tabelas propostas para a construção de Contas Satélite do Turismo, segundo a OMT.

Agregados	Metodologia Proposta
	OMT - 10 Tabelas
Procura Turística	
Consumo Turístico	Tabela 1 - Consumo Turístico Recetor, por produtos e tipo de visitantes; Tabela 2 - Consumo Turístico Interno, por produtos, tipo de visitantes e tipo de viagens; Tabela 3 - Consumo Turístico Emissor, por produtos e tipo de visitantes; Tabela 4 - Consumo Turístico Interior, por produtos e tipos de turismo (resume os quadros anteriores e inclui informação acerca de operações não monetárias); Tabela 9 - Consumo Turístico Coletivo, por produtos e níveis de Governo.
Formação Bruta de Capital Fixo	Tabela 8 - Formação Bruta de Capital Fixo do turismo.
Oferta Turística	
Valor Acrescentado do turismo	Tabela 6 - Oferta e Consumo de serviços turísticos, por produtos.
Produção Turística	Tabela 5 - Contas de Produção e Exploração dos ramos de atividade turística.
Emprego	Tabela 7 - Emprego nos ramos de atividade do turismo.
Outros	Tabela 10 - Indicadores não monetários do turismo (n.º de visitantes, de chegadas, de dormidas, etc.).

Fonte: Adaptado de Couto (2011), com base em OCDE (2000) e SREA et al. (2008).

Anexo 2 - Fator de atualização obtido através do serviço Atualização de Valores com Base no IPC, do INE. Disponível em:

<https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ipc> [consultado a 12-01-2018].



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
STATISTICS PORTUGAL

Atualização efetuada em: **12-01-2018 12:40:01**

Atualização de valores com base no **Índice de preços no consumidor (Continente) (Média anual)**

Ano inicial: **2011**

Ano final: **2006**

Valor a actualizar: **21902 Euros**

Fator de atualização: **1/1,09503978837523**

Valor atualizado: **20001,10 Euros**

Um valor de **21902 Euros** em **2011** corresponde a um valor de **20001,10 Euros** em **2006**, tendo sido utilizado o **Índice de preços no consumidor (Continente) (Média anual)** com o fator de atualização de **1/1,09503978837523**

Documento Processado por Computador - **ID7113012012018124001**

Anexo 3 - Coeficientes da regressão linear, que tem como variável dependente o VABGT e como variável independente o VAB.

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.
	B	Erro Padrão	Beta		
1 (Constante)	-8003262,108	3616481,592		-2,213	0,051
VAB	0,104	0,027	0,778	3,914	0,003

Anexo 4 - Coeficientes da regressão linear, que tem como variável dependente o VABGT e como variável independente a produção interna turística.

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.
	B	Erro Padrão	Beta		
1 (Constante)	-1392790,673	292952,490		-4,754	0,001
Produção interna turística	0,598	0,023	0,994	26,405	0,000

Anexo 5 - Coeficientes da regressão linear, que tem como variável dependente o VABGT e como variável independente o n.º de dormidas.

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.
	B	Erro Padrão	Beta		
1 (Constante)	-8879926,632	890717,282		-9,969	0,000
N.º dormidas	0,321	0,019	0,985	16,948	0,000

Anexo 6 - Coeficientes da regressão linear, que tem como variável dependente o VABGT e como variável independente o n.º de hóspedes estrangeiros nos estabelecimentos hoteleiros em Portugal.

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.
	B	Erro Padrão	Beta		
1 (Constante)	-1422290,038	253084,076		-5,62	0,000
N.º hóspedes	1,091	0,036	0,995	30,681	0,000

Anexo 7 - Coeficientes da regressão linear, que tem como variável dependente o VABGT e como variável independente o *output* turístico.

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.
	B	Erro Padrão	Beta		
1 (Constante)	-4508906,234	2321370,998		-1,942	0,100
output turístico	190,942	39,341	0,893	4,854	0,003

Anexo 8 - Número de hóspedes estrangeiros nos estabelecimentos hoteleiros no período 2010-2013.

Anos	Hóspedes
2010	6.831.580
2011	7.412.245
2012	7.684.684
2013	8.627.706

Fonte: PORDATA.

Anexo 9 - Cálculo das estimativas do VABGT para o período 2010-2013.

$$(4) \quad VABGT_t = -1.422.290,038 + 1,091N^o_hóspedes_t$$

$$VABGT_{2010} = -1.422.290,038 + (1,091 \times 6.831.580) = 6.030.963,742$$

$$VABGT_{2011} = -1.422.290,038 + (1,091 \times 7.412.245) = 6.664.469,257$$

$$VABGT_{2012} = -1.422.290,038 + (1,091 \times 7.684.684) = 6.961.700,206$$

$$VABGT_{2013} = -1.422.290,038 + (1,091 \times 8.627.706) = 7.990.537,208$$